



VORDESTE



"São os do Norte que vêm..."

EM BUSCA DA PROVÍNCIA PERDIDA



A princípio era Illiers, uma cidadezinha dos confins da Beauce e do Perche, onde alguns franceses se reuniam em torno de uma velha igreja encapuzada sob seu campário: onde um menino nervoso e sensível lia, às belas tardes de domingo, sob os castanheiros do jardim, **François le Champi** ou o **Moulin sur la Floss**: onde ele entrevia, através uma sebe de espinheiros róseos, alas bordadas de jasmims, de pensamentos e de verbenas, e lá ficava parado, a olhar, a respirar, a esforçar-se por atingir com seu pensamento além da imagem e do odor, o odor de invisíveis e persistentes lilazes.

La vivia há muito tempo uma boa e antiga família do país, os Proust, solidamente enraizada neste rincão. Um menino que passava suas férias em Illiers e aí encontrava a antiga "bourgade" francesa, o rico falar dos provincianos, um misterioso código de maneiras, e as virtudes dos "Franceses de Santo André dos Campos", cujas imagens esculpidas na Idade Média sobre os pórticos e capitéis, apareciam ainda, todas parecidas, nos mercados e nos campos. O meio

em que viveu o menino Proust foi essencialmente um "meio civilizado". O pai trazia o sério, o espírito científico, que Marcel herdou; a mãe juntava o amor das letras, e foi ela quem primeiro formou o espírito e o gosto de seu filho. Desde a infância, houve certamente nele o desejo de escrever, e sobretudo o de encontrar uma beleza cativa que lhe parecesse guardada nas coisas. Escrever. Era esta a sua ambição secreta. Todavia julgava-se sem nenhum talento para isso, porque ele tentava descobrir um assunto de romance igual aos que lhe davam tão maravilhoso prazer, e no entanto experimentava certo sentimento de impossibilidade. As formas, as cores e os perfumes que ele trazia de seus passeios, protegidos por um revestimento de imagens, como os peixes que o pescador traz no seu cesto, coberto por uma camada de folhas que preserva sua frescura, essas impressões não lhe pareciam materiais de uma obra, pois eram muito simples e muito particulares.

Agora, porém, é Combray, pátria espiritual de milhões de leitores, espalhados em todo o mundo, e que amanhã se alinharão ao longo dos séculos — no Tempo.

A. N. D. R. E' M A U R O I S

GEOGRAFIA DE PROUST

ANDRÉ FERRÉ

(Trad. de JOSE' GUERMANTES)

COMBRAY, o lugar mais importante da primeira província literária do mundo proustiano, a da infância do narrador, toma uma parte considerável de sua fisionomia de uma pequena cidade do departamento de Eure-et-Loir, que geograficamente só é a vila principal de um cantão: é Illiers, burgo de três mil habitantes, sobre a margem esquerda do Loir, contra a corrente do confluente do Thironne, nos confins da Beauce e do Perche, a 24 quilômetros ao sudoeste de Chartres em linha reta, e a 26 quilômetros ao norte de Chateaudun, sobre a linha da estrada de ferro Paris-Chartres-Saumur, — a 13 quilômetros desviado para oeste, da Route nationale n.º 10 (Paris-Bordeaux-Hendaye), que atravessa Chartres e Chateaudun.

As correspondências entre a realidade geográfica e a ficção literária não se limitam às duas cidades apenas, pois é nas vizinhanças de Illiers que se situam os principais «modelos», vilas, domínios e paisagens, que «posaram» para os arredores de Combray.

São as indistricções biográficas que fornecem aqui a geografia literária, o ponto de partida de suas hipóteses, e lhes conferem uma primeira probabilidade. O narrador de «A la Recherche du Temps perdue», que não se confunde certamente em todos os detalhes de sua existência com o autor, mas a quem o autor emprestou muito dele próprio, e que ele convida mesmo o leitor a considerar como seu sócio, dando-lhe seu prenome, seu temperamento nervoso, sua asma, seu gosto contrastante pelos prazeres mundanos e pela natureza, e sobretudo sua vocação literária, este narrador parisiense, nascido sem dúvida em Paris como Marcel Proust, ama em Combray, berço de sua família paterna, o país de suas férias de menino.

Ora, é em Illiers, para natu do pai de Marcel, o doutor Adrien Proust, que descendia de uma das mais antigas famílias do país, que o futuro criador de «Swann», de «Albertine» e de «Charles», ia na sua infância, até a idade de sete anos, passar as férias de Piscoa.

O nome da igreja que de longe resume a cidade edificada ao redor dela, este nome de Saint-Hilaire já contém uma ligeira alusão, pois Proust manda dizer ao vigário de Combray que Saint-Hilaire, não é senão uma espécie de «doublet» de Saint-Hilaire (S. P., 153).

De fato, a igreja de Illiers chama-se Saint-Jacques, mas a cidade tinha até à Revolução francesa duas igrejas: Saint-Jacques e Saint-Hilaire, que deu seu nome a um arrabalde a oeste. Encontramos ainda em Combray muitos nomes que vêm de Illiers; deixemos de lado, deixemos de história ou à crônica os nomes das pessoas, para considerar apenas os das ruas, que entram bastante no domínio da geografia urbana.

A rua do Saint-Esprit, a rua Saint-Hilaire, que a cruz, a rua do Oiseau, com a hospedaria do «L'Oiseau fleché», o passeio público, a Praça, figuram entre as nomenclaturas paralelas às vias públicas de Combray e Illiers; existe em Illiers um castelo em ruínas, do qual apenas subsistem duas torres, e que no romance representa os restos do castelo dos antigos condes de Combray.

As arcadas do viaduto da estrada de ferro (que é na realidade uma ponte) começam logo à saída da estação, na realidade de Illiers como na ficção de Combray. A avenida de la Gare, plantada de tilias, é em Illiers como em Combray um quarteirão novo. A ponte Vieux (que se atravessa para ir em direção a Guermantes) corresponde ao pinguelo sobre o Loir e a rua então rústica de Perchamps bem parece ter sido por modelo a rua de Lavoirs. O caminho de sirga foi sem dúvida, sugerido pelas ruas que, um pouco afastadas da vila de Illiers, abraçam o anel do Loir (rua des Vierges et promenades des Fontaines) (1).

A igreja de Illiers tem uma capela

colateral sob sua torre, que em Combray representa a capela de Gilbert le Mauvais. Se a igreja de Combray é parede-meia com as casas, é que a fachada norte da de Illiers estão ligadas lojas e residências particulares.

Na verdade, a analogia de nomenclatura não se acompanha de uma rigorosa identidade de topografia. A planta de Combray não está calcada sobre a de Illiers. Assim, enquanto que em Combray o passeio público conduz ao cemitério, em Illiers, os dois lugares são um no extremo sul, o outro no extremo norte da aglomeração; o narrador coloca a entrada principal da casa da tia Léonie na rua Saint-Jacques, enquanto que Mme. Amiot, nascida Proust, tia de Marcel Proust, morava na rua Saint-Esprit (hoje rua do Doutor Proust); esta rua do Saint-Esprit é mencionada no romance como aquela sobre a qual se abria a porta lateral por onde se saía em direção à Méséglise; a grade do fundo do jardim, situada em Combray na rua Sainte-Hildegarde, conduz em realidade à pequena praça Lemoine, formada pela intersecção da rua Saint-Hilaire e da rua das Trois-Maries; nem esta última rua, nem a praça, estão mencionadas no «Du côté de chez Swann», onde se encontra em compensação, uma rua Sainte-Hildegarde, uma rua de la Cure, uma rua da Bretonnerie, uma rua Saïntralles e um jardim público colocado no terreno do boulevard da estação, que não existem em Illiers.

A concordância geral não é menos chocante. Acrescentemos um detalhe interessante: o narrador cita que as casas das ruas de Combray não têm números (S. P., 94); as de Illiers só os tiveram de 1934 em diante.

Nos arredores de Combray, Marcel Proust — como colheu em — das vizinhanças de Illiers, tendo-lhes feito alterações fonéticas, assim como mudanças topográficas e demográficas nas aglomerações que lhes designam.

Eis primeiro Méséglise, Méséglise-la-Vineuse, cujo «côté» prolonga o de «chez Swann». Temos com mais razão o direito de identificá-lo em Méréglise, aldeia a 4 quilômetros a oeste de

Illiers, que, num ensaio anterior à «A la Recherche du Temps perdue» (2), onde ele esboça já o tema das recordações da infância que será ampliado e aprofundado na sua grande obra, Marcel Proust fala dos passeios feitos «segundo por Méréglise», aldeia a qual ele deixa então seu verdadeiro nome (no qual Brichot, se o narrador o tivesse interrogado sobre este nome, ter-lhe-ia revelado sem dúvida a etimologia Mater Ecclesia, que lhe teria relacionado a Sainte-Mère-Eglise, nome de uma aldeia normanda vizinha de Cherbourg, e provavelmente não longe de Balbec).

Mas, evitemos estender a identificação muito longe, mais longe que a consonância e a proximidade. De fato, o lado de Méséglise é oposto ao de Guermantes não somente como direção, mas como tipo de paisagem: é uma paisagem de planície, enquanto que a do lado de Guermantes é uma paisagem de rio.

Ora a verdadeira aldeia de Méréglise não é na planície, isto é, na Beauce, a este de Illiers, mas ao contrário a oeste, mais adiante para o coração do Perche montanhoso, no qual o modelo de Combray marca o limite; e Méréglise está sobre um rio, o Thironne, afluente do Loir.

A mais, esta vila de duzentos habitantes se acha no romance, elevada à dignidade de pequena cidade. O narrador não nos diz que é uma sub-prefeitura, mas é provável, pois ele a coloca como vila principal de uma circunscrição legislativa, o que corresponde de ordinário a um distrito. M. de Guermantes, príncipe de Laumes, representava outrora esta circunscrição na Câmara (G. II., 148); ele era deputado de Méréglise, como Legrandin não tardou a pretender-se barão, ele que se intitula, na época do fim da narrativa, Legrandin de Méséglise (AD. II., 172).

Quanto a Tansonville, propriedade de Swann, é o nome de uma pequena mansão que se acha a três quilômetros de Illiers, mais ao sul, e por conseguinte completamente fora da direção de Méréglise. As descrições que lhe atribue o narrador são certamente inspira-

das pelo jardim que Jules Amiot, tio de Marcel Proust, abria ao público e que se chamava o «Pré Catalans»; o pré Catalan que forneceu à memória de Marcel Proust a barreira branca (S. P., 196), os lilazes, e também «a pequena casa de telhas chamada Maison des Archers, onde morava o guarda» (S. P., 127) da propriedade de Swann: esta «maison des Archers» é na realidade um pequeno mirante que M. Amiot mandou construir no seu parque.

«O pequeno lago construído pelos parentes de Swann» é uma réplica ao tanque construído por M. Amiot. Enfim, o outeiro de Tansonville e a cerca de espinheiros emoldurando, vêm diretamente do Pré Catalan, junto do qual pode-se sempre respirar o perfume das flores selvagens na primavera, subindo o pequeno caminho no fim do qual se abre a perspectiva da Beauce, nem uma só vez citada por Marcel Proust, mas reconhecível por esta «planície abaulada onde durante léguas o vento não encontra nenhum acidente do terreno» (S. P., 210).

Nomes do país «chartrains» são ainda no episódio dos companheiros de Martinville, que parecem brincar de esconder com o de Vieuvicq. Mas se Vieuvicq, vila a cinco quilômetros ao sul de Illiers, tem com certeza uma igreja, ela não pode entrar no campo visual do passeador ao mesmo tempo que os companheiros de Martinville, pois Martinville é apenas um lugarejo sem edifício religioso, e separado de Vieuvicq não somente por uma colina e um vale, mas ainda por uma extensão de trinta quilômetros em linha reta (para este) (3).

E' supérfluo perguntar se o modelo de Martinville ponde ter sido fornecido a Marcel Proust por alguma aldeia de Eure-et-Loir, como Boullay-les-Deux-Eglises, pois que uma primeira versão desta página futuramente célebre, coloca esta recordação no curso de um passeio crepuscular na Normandia, e que os companheiros em questão são os da cidade de Caen (Saint-Etienne, Saint-Pierre, as torres da Trinité, Saint-Sauveur); o veículo não era então a carruagem do dr. Percepied, mas sim um automóvel rápido (4).

NÓS E PROUST

ADERBAL JUREMA

Este número de «Nordeste» dedicado a Marcel Proust — esse grande e eterno explorador do universo poético das lembranças, é mais do que uma preciosa homenagem porque expressa a nossa afinidade espiritual com a obra daquele admirável pesquisador da memória. Nestas páginas colaboraram escritores do nordeste brasileiro e também da França, todos eles procurando através de suas palavras de amor e admiração ao núcleo das reminiscências, a sua província perdida no espaço e no tempo. Porque quem de nós não sente nas frialdades da memória a nostalgia de sua infância perdida? Quem de nós, ao ler «O caminho de Swann», não fica a recordar também as terras da igreja de sua província? Quem de nós não carrega dentro da geografia íntima o país de sua infância? E quem de nós, ainda, já esqueceu o perfume das flores de sua adolescência, o som da voz de seus pais jovens, o pigarro do seu avô e as ponderações de suas tias que nos cercavam e nos fechavam em um mundo de afeto e de ternura quando não de cuidados e vigilância?

Por isso, ainda um dia desses, quando Alberto Camus visitou o Recife, num passeio de automóvel à velha cidade do Olinda, em companhia de Hernão Borja Filho e Nestor Suscipra, nós nos espantamos com a admiração que o jovem escritor francês manifestou quando lhe comunicamos que estávamos preparando um número desta revista sobre Proust. O nosso espanto não foi menor do que a reação de Camus que não compreendia essa afinidade, essa popularidade de Proust, do menino Marcel sobretudo, entre os intelectuais brasileiros. E gritamos,

agora, propositadamente a palavra menino porque, antes das razões de ordem literária, o que nos une a Marcel Proust é justamente ter ele realizado o que todos nós, moços e velhos escritores de província, sempre desejamos fazer: recuperar o tempo através da força criadora da memória. Esta busca, esta procura do que ficou em nosso passado não implica numa atitude autodidatismo inocua. Foi nos escaninhos das suas impressões passadas que Proust rejuvenesceu, com uma pureza estética absoluta, a literatura francesa e, porque não dizer, a de todo mundo ocidental.

Neste número de «Nordeste» procuramos fazer uma excursão à província perdida de todos nós. Tanto faz que estejamos em Pernambuco ou em Combray, na geografia da memória o conceito de latitude e de longitude é tão livre e arbitrário quanto as fórmulas da retic gramática para o legítimo poeta. Por isso aqui estamos (reclamados a quem soube interpretar com vigor e sensibilidade a eterna procura do tempo perdido).

Emaragdo Marroquim, Eustáquio Duarte, Santa Rosa, Roberto Assumpção e tantos outros, todos nós somos, pelo menos em raros instantes, um proustiano, quer vivamos no Recife, envolvidos pelos velhos e fundidos às margens da Guanabara, ou ainda em Paris à beira das barragens e elevadas águas do Sena. Dentro de nós, sem contar o tempo nem usar o espaço, a criação que já fomos, o jovem que não nos apercebemos de ter sido e a madureza de hoje continuam e continuarão sempre, incessantemente, em busca da província perdida.

Quando ao nome de Combray mesmo, bem pode ter vindo de Combray, vila da Perche a 14 quilômetros a oeste de Illiers, enriquecido de um final sonoro e romântico; não teria sido este final tirado do castelo de Cambrai, na Beauce, a 37 quilômetros ao sudeste de Illiers, e situado entre Loigny (ao sul) e Martinville (ao norte), cujos nomes figuram também no atlas proustiano?

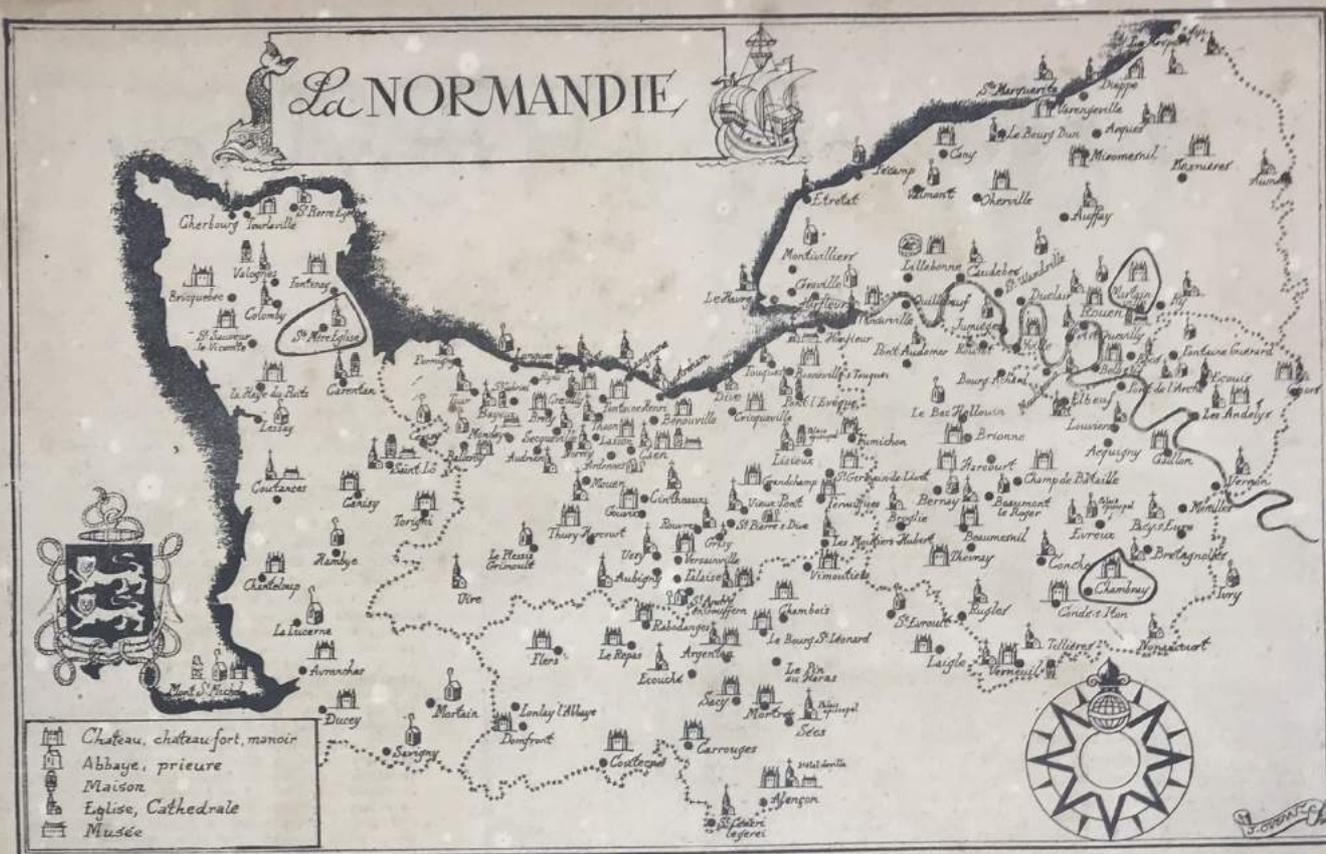
Mas, é mais provável ainda que Combray d'Ille-de-France tenha tomado simplesmente seu nome de uma vila de Calvados, a 31 quilômetros ao sul de Caen, a 21 quilômetros ao noroeste de Falaise, numa região que Proust conhecia bem e a qual ele faz frequentes alusões. Seria um exemplo a mais deste gosto pelas transposições e passos de dansa geográficos tão manifesto no «A la Recherche du Temps perdue».

(1) Quanto ao Petit Pré, verdejante entre três ruas, parece mais prender-se a recordações de Auteuil, onde Marcel Proust tinha um outro tio.

(2) «Journées de Lecture», prefácio para uma tradução de Sésame et les Lys, colhida em «Pastiches et Mélanges», p. 227.

(3) Martinville é também o nome de uma aldeia de Calvados.

(4) Em memória das igrejas destruídas, Pastiches et Mélanges, p. U2-93.



... a Normandia, onde estavam marcadas, pelo menos, Balbec e Doncières, entre as quais eu situava todos esses caminhos que juntos tínhamos percorrido. No meio de outros nomes de cidades ou aldeias de França, nomes que não eram, se não visíveis ou audíveis, o de Ours, por exemplo, parecia composto diferentemente, não mais de imagens imateriais, mas de substâncias venenosas que agiam rapidamente sobre o meu coração...

A PROVINCIA DE PROUST

LUIZ SANTA CRUZ

Do ponto de vista de uma consideração filosófica do conhecimento poético, como de uma ontologia da obra d'arte literária, não há dúvida de que Marcel Proust desempenhou papel tão importante quanto o de Sigmundo Freud no campo da psicologia experimental. Não temos receio de afirmar, por isso, que foi propriamente Proust e não Freud quem influenciou a grande maioria dos poetas e ficcionistas do modernismo brasileiro, ou consciente ou inconscientemente, e por influência aceita e confessada como inconsciente ou repelida, encaminhando-os para a exploração do maravilhoso mundo do subconsciente de poesia, em que as vivências emotivas e estéticas iam sendo acumuladas, à espera de ser utilizadas como matéria prima no poema como na obra de ficção. E Proust assim os influenciou não apenas como o mestre do aprofundamento de suas experiências emocionais e literárias, como, sobretudo, o guia incomparável da recuperação da Província perdida. Pois, se considerarmos que no movimento modernista brasileiro houve dois momentos bem distintos: o primeiro, da Descoberta da Terra e o segundo, da Descoberta do Homem e do mundo maravilhoso da Pessoa Humana ou de seu infinito poético, — a Descoberta da Terra operada pelo modernismo foi, antes de tudo, uma Descoberta da Província natal, de poetas e ficcionistas que participaram naquele movimento ou escola. Não apenas Rimbaud lhes permitiu levar a poesia como a ficção brasileira a participar na maior revolução estética dos últimos tempos: a da tomada de consciência de si mesma pela poesia e pela ficção como conhecimentos por excelências vivenciais, — também Marcel Proust lhes ensinou a aproveitar nos mananciais do passado a água cristalina da emoção estética e criadora. Não que toda obra de arte ou toda criação literária seja apenas memória; dessa espécie de memorialistas nem Rimbaud e nem Proust são os mestres e guias, mas, sim, daquela que nada mais é que aproveitamento de vivências do passado.

Ora, a recuperação do tempo perdido em Proust foi, sobretudo, recuperação da Província natal de suas grandes e emocionais vivências estéticas e poéticas. Paris, a Cidade-Luz, pode ter entrado em sua obra; mas que era a Paris de Proust senão uma grande cidade-província?! Província não seria para ele certamente Filadélfia, ou outra cidade branca, dentre tantas de que falou Le Corbusier, mas Paris?! E que dizer, também, de Illiers dos Proust? A presente edição da revista «Nordeste» testemunhará melhor do que um simples articulista,

do moderno e sem dúvida admirável livro de André Maurois, «À la recherche de Proust», falta um capítulo: o da recuperação proustiana da Província. Pois, não apenas aos amores e ao «humour» foi Proust encontrar em seu passado, mas também a Província de sua infância, como da adolescência e madureza. O mundo dos conhecimentos proustianos por vivencialidade é, antes de tudo, um belo mundo provinciano, quer se trate de Illiers, quer de Paris. O barão de Charlus não seria menos provinciano em Balbec do que nos Champs-Élysées. A si mesmo se confessava Proust como um renegado da Província, como se confessou Rimbaud, e ainda assim, não teria sido menos provinciano que o poeta das «Illuminations», em plena Paris!...

E aos poetas como aos ficcionistas brasileiros do modernismo, ao nosso ver, Proust também ensinou a recuperar, cada um deles, o seu «mundo provinciano». Como a de Illiers, as geografias de suas Províncias natais não seria apenas a geografia física, mas também a poética, a humana, a sentimental, artística, religiosa, etc. Se Rimbaud fizera ver que «o primeiro movimento de quem quer ser poeta é o seu auto-conhecimento», Proust ensinara-lhes que o primeiro momento de Descoberta da Terra era o reencontro com a Província natal em que se trazia, como diria Casais Monteiro, «os pés fincados na terra». Proust era um Rilke que ensinava aos jovens poetas do modernismo que se fazia necessário, para ser poeta, ter muitas «experiências» mas de Províncias idas; ou um Keats, a ter muitas «sensações», mas sob céus provincianos.

Aprofundar o estudo crítico da influência desse grande tema proustiano não seria pretensão para um simples artigo; pois, o que se segue, nada mais pretende ser que simples sugestões para um ensaísta das fontes de nossos grandes poetas e ficcionistas do modernismo. Mas não cremos ser apenas conjectura lembrar algumas repercussões da «Província de como nas de grandes romancistas. E as indicações com onas de grandes romancistas. E as indicações que se seguem, ou surgiram de conversas e de inquéritos rápidos e sem maior aprofundamento das questões, com poetas e romancistas, ou da simples leitura de suas obras da fase modernista da Descoberta da Terra ou da Província.

E começemos por aquele que justamente ao surgir como poeta modernista, já se disse que «convertido do parnasianismo» à poesia. Jorge de Lima, publicava «Dois ensaios», um sobre Mário de Andrade — e era a sua profissão de fé de cristão-novo do

modernismo — e o outro, sobre Proust — e era mais do que o seu entusiasmo proustiano, a sua profissão de fé no «processus» de criação literária e na estética de auto-conhecimento proustiano. Assim, mais do que a influência do poema retrospectivo de Manuel Bandeira e que foi «o ovo de Colombo» do modernismo brasileiro — «Evocação do Recife» — o próprio Jorge de Lima a mim confessava ter sido a Província de Proust que o conduziu ao passado e à poesia de sua meninice reencontrada, a bem dizer, a cada poema de «O mundo do menino impossível», «Poemas», «Novos Poemas» e «Poemas Escolhidos»; ou, mais veladamente, em «A tónica inconsútil», em «Mira-Coeli» e no «Livro de Sonetos». Graças à influência proustiana ia o autor do «Mundo menino impossível» tornar-se o nosso grande poeta da catolicidade provinciana e ingênua, ou, com mais universalidade ainda: ia se tornar, em todos os caminhos de sua poesia, um filho pródigo da infância.

E Manuel Bandeira, no já citado poema «Evocação do Recife», teria sofrido, porventura, alguma influência proustiana na recuperação poética do seu passado e da sua meninice? Cremos que não. Pela crônica publicada em «Crônicas da Província do Brasil», vemos que Manuel Bandeira, se bem não seja hoje, um «cristão-novo» do proustianismo, só alguns anos após ia travar relações mais profundas e de certo mais fecundas literariamente falando, com a obra de Marcel Proust. A menos que tenha ocorrido com ele o que Eugênio Gomes assinalara a propósito de Machado de Assis e com relação a Victor Hugo, em artigo para o segundo número da revista «Cultura» e que embora o combatesse, não fugisse à influência de quem tanto combatia.

Já o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, embora escrevesse um artigo para o órgão modernista de Belo Horizonte, que dirigia com Emílio Moura, para «A Revista», em 1925, bem sofreu a influência do Proust que ali combatia, pela sua irregularidade de estilo e a sua muitas vezes fastidiosa leitura, e num dos seus mais belos poemas de «Brejo das Almas»: «Sombra das moças em flôres». Eram bem as jovens e belas musas da Província de Proust — e, repitamos, de Illiers como de Paris. De Carlos Drummond de Andrade quem leu e entendeu o capítulo do livro de André Maurois sobre a recuperação do «humour» provinciano por Marcel Proust, não terá também dificuldades de aceitar haver de certo influência proustiana na fidelidade do poeta, de

(Continua na pag. 7)

Província de Combray

OCTACILIO ALECRIM

... levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madalena. Mas no mesmo instante em que aquilo gote, de mistura com as migalhas do bôio, tocou o meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim, e, assim, tôda Combray e seus arredores, tudo isso, saiu de minha xícara de chá".

Os vereadores do município de Illiers, lugar onde nasceu a família paterna de Proust, e onde este costumava passar em sua infância, até aos sete anos, as férias de Páscoa, e que, sob o nome de Combray, constitui a grande personagem — espaço de suas recordações, e de todo o primeiro tomo do primeiro volume de seu romance cíclico, tendo conseguido por isso mesmo uma notoriedade literária semelhante à de Ferney por causa das memórias de Voltaire, vêm de rejeitar uma sugestão da "Société des Amis de Combray" para que a pequena cidade passasse a chamar-se "Illiers-Combray".

Evidentemente, esses estranhos comissários não têm conhecimento desse novo e admirável gênero de estudos que é a *geographie littéraire*, realizado em sistemática, pela primeira vez, por Victor Bérard, com fundamento nos poemas homéricos, e através da qual sabemos, por exemplo, que Parma sem Stendhal não seria sinão uma subprefeitura qualquer, e que *Vendôme, Nogent-sur-Seine* e *Valenciennes* não passariam de insignificantes logarejos sem a gloriosa associação aos nomes de Balzac, Flaubert e Mallarmé.

De certo, que podem saber a respeito das agudas contribuições de um Rousselot sobre a *geographie cordiale* e, frente às quais, concluímos que *Aubigné* só se tornou depois *Aubigné-Racan* por ter sido a terra de nascimento do poeta Racan, e sobretudo, por ter sido decantada em sua pastoral lírica *Les Bergeries*?

Que podem, afinal, entender sobre a *geographie romancée* de Proust, importante capítulo da moderna história literária, sem a qual não teríamos as duas eruditas monografias *Géographie de Proust*, 1938, e *Géographie Littéraire*, 1947, de André Ferré, as quais, a experiência e a imaginação do genial materialista transformaram Illiers em Combray, região semirreal e semifantástica, emprestando às descrições de suas paisagens tôda a música de seu estilo e tôda a força de sua paixão como se aquele pedaço de província fosse uma realidade espiritual, um "ser sem equivalente", uma espécie de *Odette de Crecy* de sua própria geografia humana?

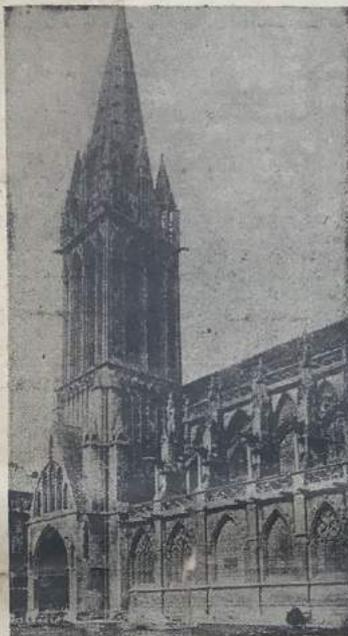
Com efeito, baseado nos velhos arquivos históricos da Diocese de Chartres, ordenados por Marquis, no *Nouveau Dictionnaire des Communes de la France*, de Mancey, e em *Du Côté de Chez Swann*, I, ed. Gallimard, 1929, informa Ferré a respeito das fontes de Combray, logar-chefe da primeira província literária do mundo prousteano, a das infâncias do narrador, tomou emprestado uma parte considerável de sua fisionomia a uma pequena cidade do Departamento do Eure — et — Loir, que geograficamente não é senão o logar-chefe de um cantão: é Illiers, burgo de três mil habitantes, à margem esquerda do Loir acima do confluente de Thironne, nos confins de Beauce e do Perche, a vinte e quatro quilômetros do sudoeste de Chartres em linha direita, e a vinte e seis quilômetros ao norte da Chateaudun, sobre a linha de caminho de ferro Paris-Chartres-Saumur, a treze quilômetros à saída, para o oeste, da estrada nacional N.º 10 (Paris-Bordeaux-Hendaye), que atravessa Chartres e Chateaudun.

Todavia, as correspondências entre a realidade geográfica e a ficção literária não se limitam às duas cidades em si mesmas, pois é na superfície beirando Illiers que se acham situados os principais "modelos", vilarejos, domínios e paisagens, que posaram para os arredores de Combray. *Geographie de Marcel Proust*, 1938.

De fato, não foi sobre Météglise, vila situada a quatro quilômetros ao oeste de Illiers, cujo nome verdadeiro vem citado em uma de suas primeiras crônicas de recordações de infância Ruskin, *Sésame et les Lys*. Tradução, notas e prefácio de Proust, 1906), que o romancista forjou a ideia de "côté de Méséglise", caminho dos Swann, itinerário da burguesia, por oposição ao "côté de la Vivonne", caminho dos Guermantes, itinerário da aristocracia?

Não foi no pequeno "manoir" de Transonville, situado a três quilômetros ao sul de Illiers, que o romancista recorreu para delinear o nome do "castelo" de Swann, cujas descrições do parque, por sua vez, foram inspiradas pelo belo jardim de seu tio Jules Amiel, residente em Illiers, jardim esse que forneceu à memória voluntária prousteano as conhecidas e maravilhosas miniaturas literárias: *la barrière blanche*, *la haie d'aubépiques*, e o *pignon gothique de leur rose minaret*?

Eis porque, analisando o espírito geográfico em Proust, observa Ferré: "Há no *A la Recherche du Temps Perdu* uma extraordinária riqueza de criação geográfica. Se é verdade que Balzac fez concorrência ao Registro Civil, poderia se dizer também que Proust fez concorrência ao Atlas. Ele não só inventou seres humanos para pessoas também vivas, e muitas vezes, mais vivas mesmo que os indivíduos reais, como inventou ainda uma



O campanário do Saint-Pierre de Caen, uma das "chaves" do campanário de Combray.

parte do espaço em que se agitam e vivem. A importância em sua obra de logares assim elaborados permite que se fale a seu propósito de uma geografia romancada. E mais, a imaginação geográfica era nele tão viva que até para os nomes de suas personagens escolhia nomes de lugares. *Odette*, por exemplo, antes de adquirir o estado civil de senhora Swann já possuía um estado geográfico, o de Crécy, nome de um logarejo situado na região de Illiers" *Geographie de Marcel Proust*, 1938.

O leitor de Proust, não deve, porém, entender essa sua geografia à semelhança da ensinada nos roteiros e manuais, pois, embora posta algumas vezes sobre dados reais, capazes de permitir a localização, identidade e configuração de suas regiões, ela é sobretudo uma geografia subjetiva, irreal e impressionista.

Na geografia prousteano, os logares, terras e países não significam a realidade de seus modelos, de suas fontes, de seus quadros, reais; vivem, existem e impressionam como dados imediatos da consciência do criador, do artista, do fabulador que os mistura com as suas imagens, os seus sonhos, e os seus sentimentos, num plano talvez entre o irreal e observável, mas que nem por isso deixam de ser menos irreal porque não são recompostos pelo trama da memória mas também pela do sonho.

O binômio Illiers-Combray é um desses muitos fenômenos resultantes de estados simultaneamente justapostos na consciência do romancista, e à base dos quais Ferré vem de formular seu penetrante enunciado científico do propósito das zonas literárias que o "decalque transparente do sonho coincide estreitamente com as séries pranchas do atlas". *Geographie Littéraire*, 1947.

Quando, porém se fala da província literária de Combray, a memória se substitui pelo sonho, nada tem ela a ver nem com os olhos e nem com as reminiscências do narrador, pouco importam as coincidências puramente geográficas, não interessa acentuar os detalhes de semelhança na toponímia, de pouco vale se dizer que tanto em Illiers como em Combray as casas das ruas não têm números, porque para o criador o mundo exterior é uma pura contradição.

O mundo exterior, nos momentos em que Proust se encontra em contacto com ele, não lhe oferece grande coisa, o enjôo, o decepção, o choque, por sua própria percepção presente, e daí suas geniais transposições, justaposições e desintegrações no plano imaginário dos objetos, das coisas e dos lugares.

Na geografia prousteano, ensina Ferré, um lugar se caracteriza não pela sua representação mas pela impressão à qual se acha associado: "A geografia de Proust é bem sua, e só sua, porque não é feita de conhecimentos adquiridos de fora; ao contrário, ela adere ao que nele existe de mais irredutivelmente pessoal, de mais instintivamente vivido. Os lugares chegam a ele por uma via sensível ou sensual; fazem corpo com as suas paixões, seus sonhos, seus sofrimentos. Esta geografia prousteano aparece incluída entre os dados imediatos da consciência". (*Geographie de Marcel Proust*, 1938).

Em compensação, nenhum outro grande romancista deu tanta importância ao Espaço como ele o fez em sua obra; nesta, o Tempo como que vive seguido de um interminável mural de geolítica; e, bastariam as províncias imaginárias de Combray e Balbec, criações de seu gênio romanesco, para se consolidar tôda uma teoria de uma geografia literária prousteano.

Combray, porém, é mais do que um lugar, uma província, um país literário; é um motivo que explica as intermitentes dissociações do "eu" prousteano.

A proporção que se vai despreendendo dos matizes reais, de sua fonte geográfica Illiers, Combray vive em Proust uma outra realidade, e das próprias personagens do romance, graças a um incessante estado interior do romancista, para quem entre o mundo exterior, horizonte dos olhos, e o mundo interior, horizonte das emoções, o que conta é o segredo da verdade que o pensamento possa apresentar: "as paisagens dos livros que eu lia, se tinham a diferença de estar mais vivamente representadas na minha imaginação do que as paisagens que Combray oferecia a meus olhos, nem por isso deixavam de lhes ser iguais. Pela escolha que fizera o autor, pela fé com que meu pensamento ia ao encontro de sua palavra, como de uma revelação, elas se me afiguravam uma parte verdadeira da própria Natureza". Swann, 1929, I, p. 127-8.

Com efeito, para o demulgo da imaginação que foi Proust, a grande ideia do primeiro romancista consistiu em compreender que, sendo a imagem o único elemento essencial na estrutura de nossas emoções, a simplificação que importasse suprimir pura e simplesmente um aperfeiçoamento decisivo.

Para ele, um ser real, por mais profundamente que com ele simpatizemos, percebemos-lo em grande parte por meio de nossos sentidos, isto é, continua opaco para nós, oferece um peso morto que nossa sensibilidade não pode animar.

Assim, se lhe sucede uma desventura, esta só nos pode comover numa pequena parte da noção total que temos dele, e ainda mais, só numa pequena parte da noção total que ele tem de si mesmo é que a sua própria desventura o poderá comover.

Por isso, o milagre do romancista consiste na ideia de substituir essas parcelas impenetráveis à alma por uma porção igual de partes imateriais, isto é, que nossa alma pode assimilar.

A partir desse momento, continua Proust, já não importa que as ações e emoções desses seres singulares se nos apresentem como verdadeiras, visto que as fizemos nossas, que é em nós que elas se efetivam e mantêm sob o seu domínio o ritmo de nossa respiração e a intensidade de nosso olhar.

E então, conclui, uma vez que o romancista nos põe nesse estado, no qual, como em todos os estados puramente interiores, cada emoção é duplicada, e em que o seu livro nos vai agitar como um sonho, um sonho porém mais límpido do que aquele que sonhamos a dormir e cuja lembrança vai durar mais tempo, eis que ele desencadeia em nós, durante um instante, todos os dramas e fabulações possíveis, alguns dos quais levaríamos anos para conhecer na vida, como, por exemplo, o que senti duas vezes no jardim de Combray, por causa de um livro que estava lendo: a nostalgia de certo País encantado e maravilhoso.

Neste final de episódio, que traz remarcada ressonância da intensidade, multiplicidade e sucessividade dos estados de consciência bergsonianos, e só comparáveis "aux flots d'une rivière", Marcel, o narrador, e Proust, o criador, vivem simultaneamente justapostos, e, por isso, os horizontes "reais", que os envolvem, tanto podem ser os de Illiers como os do país imaginário, que a leitura de um certo livro, também imaginário, inspirou a um romancista, também, por sua vez, imaginário, criado pelo romancista narrador: a *Re de France de Combray*.

Ora, não foi Bergson quem disse em *La Pensée et le Mouvant*, 1934, que há uma realidade que todos nós aprendemos vinda do dentro, pela intuição e não pela análise, que é a nossa própria pessoa em seu encocamento no tempo, pois só o nosso eu é que dura, e daí essa criação contínua, esse incessante *jaïssement* de novidade?

Não há pois o que estranhar, porque Proust é também o metafísico danubiano das "intermitências" do Espaço, criador de um espaço todo seu, subconsciente, subjetivo e emocional, "um hiperespaço composto de um bocado de Minkowski e de muito de Bergson", já o disse Jorge de Lima, e foi justamente por ocasião da segunda viagem a Balbec, a sua outra importante província fabulada, que ele semi-Real e semi-Romanesco, pensando nas imagens que o tinham feito a ali retornar, ditou para outro, o memorialista, a tão famosa meditação de geografia literária: "Não há razão para que um lugar real impressione de preferência os quadros da Memória e não os da imaginação".

Eis porque o *Index-Ferré*, contendo perto de seiscentos e cinquenta fontes geográficas, umas, completamente inventadas, outras, engenhosamente decalçadas, e torcidas, tecnicamente deformadas, aittadas no *A la Recherche du Temps Perdu*, talvez possa significar a mais espantosa toponímia da mais alucinante imaginação criadora de seres geográficos, geohumanos, geolíticos.

Proust, esse Reclus do Romance.

PROUST

LUCIA MIGUEL PEREIRA

ANDRÉ Maurois acaba de escrever sobre um tema tão explorado, tão obscuro e tão indefinido como Proust, um livro novo, claro e preciso. É um retrato de corpo inteiro, fiel e vivo, não um retrato de fotógrafo, mas de pintor, isto é, interpretativo, sugerindo perspectivas espirituais para além da superfície. Embora não lhe acentue as fraquezas já sobejamente conhecidas, antes limitando-se a indicar os efeitos que tiveram sobre a sua personalidade e sobre a sua obra, sem entrar em minúcias o homem está aí todo, com suas qualidades e defeitos, delicadeza, desejo de agradar a assumir aspectos banalatórios, devoção à literatura, sensibilidade artística, dom de amar e de admirar, egoísmo, esnobismo, masoquismo, isso tudo fundido e confundido num estranho ser, frágil e resistente, desvalido e enérgico, doce e exigente, infantil e maduro, ora en-

tas figuras, possuem um denominador comum. É este é a vocação de romancista. Proust fugiu da vida, teve horror à ação, e ao mesmo tempo buscou apaixonadamente conhecer as criaturas, porque intuitivamente, obscuramente, sabia que só pela escrita se realizaria, que, se tudo se transforma e se corrompe a cada momento, só a evocação lhe daria das pessoas e das coisas amadas uma imagem durável. Só ela lhe permitiria compreender o que via e sentia. Tudo nele, até a enfermidade, na qual a medicina psicológica poderá talvez discernir um recurso de defesa, um meio de guardar-se, até a fase de frívolo mundanismo, que foi na verdade, embora certamente sem intenção deliberada, uma fase de pesquisas, até os vícios que escondia, tudo serviu à obra que seria como uma captura do instável.

Captura que, se representou uma gratuita e lírica revives-

ção, ao instinto, à memória involuntária e, devido às inevitáveis transformações sofridas durante a longa elaboração, acabara por submeter-se às leis do pensamento lógico. Estariam assim explicadas as diferenças entre os primeiros e os últimos livros, a poesia de uns, "romances de adolescência mágica", a secura dos outros, "romances de maturidade misantrópica". Cita Maurois a tal propósito um trecho de Proust sobre os escritores que "a partir de certa idade, só escrevem com a inteligência, que fora tomando cada vez mais força; os livros de sua idade madura têm por isso mais força do que os da sua mocidade, mas já não possuem o mesmo aveludado".

É inegável que nos derradeiros volumes de Proust não há — a não ser na perfeita parte final de *Le Temps Retrouvé* — o "aveludado" dos iniciais. Mas a explicação estará antes na pressa com que foram escritos,



O jovem Marcel

(Desenho de Santa Rosa, de uma tela de J. E. Blanche)

cantador, ora tocando à impertinência.

As várias figuras que vão sucessivamente sendo evocadas pelo biógrafo — a criança meiga e doentia, o colegial algo pedante, embebedo de literatura clássica, sonoro de epítetos à Leconte de Lisle, o adolescente esnobe, ávido de vida mundana, sempre a enviar flores às damas elegantes, o rapaz repe- lido todas as censuras, prolongando excessivamente uma fase de preparação na qual os estudos não o privassem do ambiente familiar da infância, e finalmente o escritor, surgido quase de repente, inteiramente submerso à obra, prisioneiro do mundo que criava — todas es-

cência emocional, representou também um anseio de compreensão. "Entre todas as personagens que lhe compunham o indivíduo, diz Maurois, valendo-se do próprio Proust, o que parecia ter vida mais tenaz era um certo filósofo e que só se sente feliz quando descobre entre duas obras, entre duas sensações, entre dois seres, partes comuns". E não é essa a função essencial da inteligência interloquente? Talvez possa ser, por isso, posta em dúvida a asserção do professor Feuillerat, resumida por Maurois, segundo a qual Proust começara a sua obra sem o designio essencial de desprezar a inteligência, recorrendo tão somente à inten-

ção, ao instinto, à memória involuntária e, devido às inevitáveis transformações sofridas durante a longa elaboração, acabara por submeter-se às leis do pensamento lógico. Estariam assim explicadas as diferenças entre os primeiros e os últimos livros, a poesia de uns, "romances de adolescência mágica", a secura dos outros, "romances de maturidade misantrópica". Cita Maurois a tal propósito um trecho de Proust sobre os escritores que "a partir de certa idade, só escrevem com a inteligência, que fora tomando cada vez mais força; os livros de sua idade madura têm por isso mais força do que os da sua mocidade, mas já não possuem o mesmo aveludado". É inegável que nos derradeiros volumes de Proust não há — a não ser na perfeita parte final de *Le Temps Retrouvé* — o "aveludado" dos iniciais. Mas a explicação estará antes na pressa com que foram escritos,

também compreender o mundo que reconstitui, o romancista decompe cada impressão, cada emoção, cada paixão, e lhes isola os elementos que se enquadram em leis gerais, em leis morais. Os seus uranistas não eram seres intuitivos, capazes de repolpear-se nos segretos prazeres que procuravam, mas criaturas sempre em luta consigo mesmo. Não lhes podendo violar a intimidade, já que só os conhecia pelo que deixavam perceber ao narrador, Proust lhes denuncia a má consciência sobretudo pela marca que o vício lhes imprimia fisicamente. Basta lembrar a torva figura de Charlus envelhecido, e a atitude obliqua de Saint-Loup, pro-

veniente do recelo que em certas ocasiões tinha de ser visto. Este hipersensível que Maurois mostra, "desde a infância, à procura da felicidade no absoluto", escreveu ou, melhor, viveu o mais triste, o mais pessimista dos livros, porque verificou, intelectual e emocionalmente, a corrupção e a degradação que sofrem quase todos os seres. Há exceções — e ele as conheceu e fixou na pureza da mão e da avó — mas o que atraina eram os traços comuns, os que permitiam, num homem, reconhecer o homem. Limitou as suas observações ao pequeno círculo que foi o seu, sem entretanto por isso se diminuir porque possuía o dom — em que

Maurois descobre uma bondade feita de simplicidade essencial — de "enriquecer a gente, as coisas e os acontecimentos cotidianos, a fim de lhes comunicar um interesse vital e durável". Nesta observação está uma das chaves para entender Proust, cujo gênio se nutriu, em efeito, sobretudo da importância que dava a tudo, da repulsa que tudo encontrava na sua extrema sensibilidade.

Para reconstituir a existência desse escritor que, "com coragem heróica, procurou a verdade através do êxtase", Maurois se serviu, por assim dizer, de recursos anti-proustianos: abordando diretos dos pontos primor-

(Continua no pag. 9)



O CAMPANARIO

NUM dos maiores passeios que dávamos em Combray, havia um trecho em que o estreito caminho desembocava de súbito num imenso planalto delimitado no horizonte pelo recorte irregular de uns bosques, atrás dos quais somente emergia a fina agulha da torre de Santo Hilário, mas tão sutil, tão rósea, que parecia apenas riscada a unha sobre o céu, no intento de dar àquela paisagem, àquela quadra que era só natureza, esse pequenino toque de arte, essa única indicação humana. Quando a gente se aproximava e podia perceber o resto da torre quadrada e meio derruída que, menos alta que a do campanário, ainda subsistia a seu lado, impressionava, antes de tudo, o tom sombrio e avermelhado das pedras; e, por uma brumosa manhã de outono, dir-se-ia, elevando-se acima do roxo tempestuoso dos vinhedos, uma ruína de púrpura quase da cor da vinha virgem. Das janelas da torre, colocadas de duas em duas, uma acima das outras, com essa justa e original proporção das distâncias que não só aos rostos humanos empresta beleza e dignidade, o campanário soltava, deixava tombar, a intervalos regulares, revoadas de corvos que, durante um momento vojavam grasnando, como se as velhas pedras que os deixavam à vontade, sem dar mostras de vólos, tornando-se de súbito inabitáveis e descarregando um elemento de agitação infinita, os tivessem batido e escorraçado. Das margens do Vivone, a abside, musculosamente retezada pela perspectiva, parecia brotar do esforço que fazia o campanário para arremessar sua flecha no coração do céu.

MARCEL PROUST

VISÃO DE COMBRAY

EUSTAQUIO DUARTE



As torres da Igreja de Sainte-Trinité de Caen, uma das «chaves» das torres de Martinville.

COMBRAY é Illiers: — uma igreja em pleno campo com a flecha apontando para o céu «como que distendia pelo arco de pedra da sua nave», aconchegando ao seu manto protetor, «como uma pastora às suas ovelhas», o dorso de lanoso casario.

Illiers é Combray: — a cidadezinha de província, embalada ao som inalterável e constante de um campanário, cujo éco, enchendo o espaço a cada quarto de hora, lembra «a lenta infiltração da areia moída na velha ampulheta do tempo».

Combray ou Illiers: — recanto de natureza, núcleo de vida humana, parcela da vida social de toda parte, que a memória e as imagens de Marcel Proust multiplicaram ao infinito, nela encerrando um mundo.

Larcher, com o seu «Le Parfum de Combray», faz-se o guia autorizado e insubstituível dos peregrinos proustianos que vão a Illiers para viver, deante do real, as mesmas impressões que Proust viveu e guardou nas mais belas páginas de evocação de sua grande obra. Filho da terra, onde passou a sua infância, contemporânea da adolescência de Proust, Larcher teve a intimidade de toda aquela paisagem e chegou a conhecer de perto algumas das figuras locais que o mestre fixou, com particular acento, no «Du côté de chez Swann».

«Pretendo com estas linhas, após as minhas leituras dos livros de Proust, criar de novo, com as minhas impressões pessoais de infância, a cidade de sonho onde nasci, tal como a reconheci em Combray». Este o sentido do livro, deste esplêndido itinerário, através do qual o autor procura, ainda, fazer sentir aos proustianos que visitam Illiers, emoções idênticas às que experimentou Proust, ante aquele trecho de natureza que encheu de arte e magia as suas grandes páginas.

Aquêles arredores, aquêles caminhos de província, por onde a gente passa sem parar, sem nada ver e sem nada sentir, detiveram com frequência o menino Proust, tomado de sensações as mais impressivas, de emoções perduráveis para as quais o extraordinário sensibilidade de uma memória involuntária («cet etat inconnu») fá-lo-ia voltar muitas vezes, no curso de sua vida, à simples associação olfativa de uma fragrância: o aroma dos lilazes de Tansonville; o odor das plantas, dos espinheiros, das suas tão caras «aubepines» do lado de Swann; a suave exalação das flores de macieira, para os lados de Méséglise; a forte emanção dos jasmims nos parques de Illiers; e o cheiro penetrante, sensual, dos gerânios, daqueles gerânios que mais tarde provocariam em Proust — cuja realidade era quase inteiramente feita de reações sensoriais — a evocação do riso e de toda a meiguice de Albertina.

O «perfume» de Combray conduziria Marcel Proust ao reencontro com a própria infância, que a sua memória inebriada recomporia integralmente; e de tal forma essa «ressurreição» do passado, que ele mesmo a confundiria com o presente. Essa confusão, ou melhor, essa fusão no tempo no reativo de uma sensação, Proust a experimentava comparando impressões que tinham entre si uma comum identidade. Ele as sentia a uma só vez, «no momento atual e no momento distante», e a sua memória hiper-sensível ia reconstituindo os instantes dos anos idos, sem que ele, sequer, os reconhecesse como passado.

Toda a obra do mestre está sob este signo extraordinário da sensibilidade. E não tivesse ele sido uma dessas estranhas formações mentais soltas e às vezes desordenadas, resultantes de reações sensoriais puras — olfativas, gustativas, auditivas — reações que não foram as tri-

lhas do longo caminho encajado em busca do tempo perdido.

Era esse expediente singular, de uma singularíssima forma mentis, que fazia Marcel Proust espelhar-se no ontem, através de sensações, sem contudo escapar à evidência do hoje; tal o seu prodigioso poder de captação daquilo que registrou, no *Temps Retrouvé*, como «um pouco de tempo em estado puro». A mágica impregnação de um perfume de planta silvestre conduzindo-o ao retestemunho infantil das celebrações do mês de Maria em Combray; a força impressionante de «projeção» de um sabor, como o das fatias de bolo molhadas no chá; a «marca» mnemônica de um leve ruído, como o de «passos sem éco na areia de um passeio»; ou de um som, como os que voam dos campanários; todo um «maquinismo» sensível fazia-o reencontrar aquelas fases de sua vida, aquêles tempo perdido deante do qual, como chegou a confessar, todos os esforços de recuperação da sua inteligência fracassavam sempre.

E ele disse: — «Meu livro não é, de nenhuma forma, uma obra de raciocínio; seus menores detalhes me foram fornecidos por minha sensibilidade. De princípio, eu os apercebia no meu íntimo, sem os compreender, e tinha pena de convertê-los a qualquer coisa inteligível, como se eles fossem tão estranhos ao mundo da inteligência quanto — como dizer? — um motivo musical».

Toda a Combray, que Marcel Proust recorreu para reviver, é agora mostrada por Larcher, de cujo livro damos, a seguir, alguns trechos traduzidos. Com a sua descrição e identificação, está a poesia que exala de cada motivo evocado, como um suave perfume. A cidade, suas praças e ruas, os seus jardins, a floresta, os castelos e as campinas em torno; e os ventos que sopram benéficos do vale do Vivonne (Loir), descendo à vida pacífica da boa terra e da boa gente, para captar os aromas das plantas silvestres e os risos das jovens em flor; e a ressonância de nomes tão caros à imaginação proustiana — Guermantes, Méséglise, Tansonville, Mirograin — nomes «tocados» de imantação e carregados das lembranças que fazem a perenidade daqueles lugares alheios à glória que o escritor lhes deu, mas que conservam ainda, através dos anos, os encantos e as seduções que embalarão o espírito adolescente de Marcel Proust:

«Há entre Paris e Chateau-du-Loir, a 24 quilômetros de Chartres, uma estação ferroviária que tem o nome de Illiers. O viajante inadvertido não sabe que, se ao apêlo daquele nome ali descer, encontrará a fonte de inspiração proustiana: Combray. É dali que a todo instante emanam, como de cada linha do livro, as pitólicas visões da adolescência de Marcel Proust.

Para poder aproximar das visões as realidades que as suscitaram, é preciso levar algum tempo decifrando o segredo dos lugares e de suas imagens refletidas.

O delicioso prazer que provocara em Proust o «perfume» de uma chicarã de chá ou de tília onde amolecia uma fatia de bolo madalena, despertara nele uma verdade que o seu espírito devia encontrar. Essa verdade era a lembrança que ele traria à superfície da lúcida consciência: o reencontro do espírito com uma sensação, esta comunicabilidade entre dois mundos distintos.

Por que Combray e não Illiers? E de onde vem esse nome de Combray que domina toda a obra proustiana? Ele ressoa, nessas duas sílabas, como éco distante dos nomes de dois lugares literários que se confundem: — Combray evocando Chateaubriand e suas memórias de além-túmulo; e Cambrai evocando Fenelon.

Mas, porque o nome de Combray teria fluído com tanta insistência na alma de Proust, a ponto de servir de evocação para as lembranças de sua adolescência? A confissão desse segredo, podemos encontrá-la numa página do *Temps Retrouvé*: uma impressão resuscitava em Proust o «homem eterno», e essa impressão era uma impressão de beleza. Ele a experimentava «quando a uma sensação atual, por mais insignificante, se sobrepunha uma sensação idêntica que, renascendo espontaneamente nele, estendia a primeira sobre muitas épocas ao mesmo tempo, e enchia a sua alma — onde habitualmente as sensações particulares deixavam tanto vazío — de uma essência geral».

«Não é — disse Proust — das minhas sensações da espécie daquela do bolo madalena, que está suspensa a mais bela parte das memórias de além-túmulo. Ontem à tardinha, eu passeava só... e fui afastado das minhas reflexões pelo chilreio de um tordo pousado no mais alto ramo de uma bétula. Num instante, aquêles som mágico fez reaparecer a meus olhos o domínio paterno; esqueci as catástrofes de que vinha de ser testemunha e, transportado subitamente ao passado, revi os campos onde ouvira, tantas vezes, cantar aquêles pássaros».

Queríamos dizer de Illiers o que Marcel Proust dizia de Amiens, na tradução da Bíblia de Ruskin: «Desejaria proporcionar ao leitor o meio de passar um dia em Amiens, em peregrinação ruskiniana». E acrescentava: «É assim que deve ser celebrado o culto dos heróis, quero dizer, em espírito e em verdade. Visitamos o lugar onde nasceu um grande homem, ou onde morreu; porém, os lugares que ele mais admirou e evocou, e cuja beleza nos atrai em seus livros, não os viveu e sentiu ele muito mais?»

Com efeito, por que visitarmos o túmulo onde apenas resta de Proust «o que ele não foi», se podemos contemplar em silêncio e recolhimento as coisas a que o mestre associava o seu pensamento e que o guardam ainda? Não tivéssemos dito:

«O lado de Méséglise e o lado de Guermantes estão ligados, para mim, a muitos pequenos acontecimentos das diversas vidas que levamos paralelamente, das quais a mais cheia de peripécias e mais rica de episódios é a vida intelectual. Sem dúvida, essa vida evolui em cada um de nós insensivelmente; e as verdades que lhe mudaram o sentido e o aspecto, abrindo novos caminhos, desde muito antes preparávamos a sua revelação; mas sem nos darmos conta disso. E elas só datam, para nós, do dia ou do minuto em que se nos tornaram visíveis. As flores que então brincavam na relva, a água que passava ao sol, toda a paisagem que se envolvia continua na lembrança delas, com sua face inconsciente ou distraída; e de certo, quando demoradamente contemplados pelo humilde passageiro que sonhava — como um rei por um memorialista na multidão — aquêles recanto de natureza, aquêles trecho de jardim, não teriam podido imaginar que, graças a ele, seriam chamados a sobreviver em suas particularidades mais efêmeras. E, no entanto, o perfume de um espinheiro branco que escapa das cercas, onde em breve o substituirão roseiras silvestres, um ruído de passos sem éco na areia de um passeio, uma bolha formada em planta aquática pela água do rio e que logo se desfaz, minha imaginação exaltada os transporta e os faz atravessar anos sucessivos, enquanto que em torno desaparecem os caminhos, e morreram os que os pisaram, e a lembrança dos que os pisaram. Às vezes, aquêles trecho de paisagem que me ficou até hoje, destaca-se isolado de tudo, fluindo incerto no meu pensamento como uma pássaro florida, sem que eu possa dizer de que país, de que tempo, ou mesmo simplesmente de que sonho ele me vem». (Du côté de chez Swann, cap. I).

(Continua na pag. 7)

A HISTÓRIA de Marcel Proust, tal como a descreve a sua própria obra, é a de um homem que amou com ternura o mundo mágico de sua infância. Sentiu, desde cedo, a necessidade de fixar esse mundo, ou a beleza de alguns instantes. Sabendo-se fraco, conservou, por algum tempo, a esperança de jamais abandonar o seu paraíso familiar para não ter que lutar contra os homens, mas, sim, curvá-los à sua gentileza. É a história de um homem que havendo experimentado o lado áspero da vida e a força amarga das paixões, tornou-se severo e, às vezes, cruel. Com a morte de sua mãe, privou-se de um refúgio, tendo, não obstante, vida resguardada, graças à doença. Ao abrigo de uma existência semi-enclausurada, consagrou os anos de vida que lhe restaram à recriação da infância perdida e das delusões que se lhe haviam seguido. Enfim, é a história de um homem que conseguiu fazer do tempo assim recuperado a substância de uma das maiores obras romancescas de todos os tempos.

No princípio era Illiers, a cidadezinha próxima de Chartres, nos confins de Beauce e de Perche, a sede provisória e pessoal desse Paraíso Terrestre. Ali vivia, solidamente enraizada, uma velha família: a dos Proust. O menino que passaria as suas férias em Illiers, lá encontraria o antigo burgo francês, com sua velha igreja sob o capuz do campanário, com o rico linguajar das províncias, com o seu misterioso código de maneiras, bem como com as virtudes das francesas de Saint André des Champs, cujos rostos, esculpidos na Idade Média, sobre pórticos e capitéis, ainda hoje são vistos, e sempre iguais, quer nas soleiras das tabernas, quer nos mercados, quer nos campos.

No decorrer do tempo, os Proust de Illiers haviam conhecido fortunas diferentes. De um deles, em 1623, sabia-se que fora recebedor da Senhoria, mediante a soma de dez mil e quinhentas libras que devia pagar, cada ano, ao Marquês de Illiers, tendo ainda a obrigação de «dar um cirio, todo ano, à igreja de Nossa Senhora de Chartres, na festa da Senhora da Candária». E quanto aos seus descendentes ou foram comerciantes ou agricultores; mas a família sempre teve ligações com a Igreja e, no começo do século XIX, um Proust — avô do nosso — ainda fabricava candeias e cirios em Illiers. E lá está ainda, na velha rua do Chevval-Blanc, a porta da casa em que nasceu o pai de Marcel Proust, uma habitação rústica e cujos degraus de arenito, sob a abóboda, parecem «uma passagem estreita escavada por um entalhador de imagens góticas, na própria rocha em que esculpiu um presépio ou um calvário».

Nasceram nessa casa duas crianças: um menino, Adriano, e uma menina, que se casaria com Jules Amiot, o comercian-

Infância em Illiers

ANDRÉ MAUROIS

(Do livro «A La Recherche de Marcel Proust»)

(Trad. de JOÃO SWANN)

te mais importante de Illiers. Naquela praça, Amiot possuía um armário de novidades, «no



O menino Proust

qual se entrava, antes da missa, sentindo-se um cheiro bom de pano novo». A tia Amiot, após longas incantações, mais tarde, ia tornar-se para o sobrinho como para o mundo inteiro, a tia Léonie. Sua residência, que era muito simples, ficava na rua do Saint-Esprit e tinha, com o romance, duas portas de entrada: uma, a da frente, pela qual Françoise ia ao armazém de especiarias; ficava deante dela a casa de Madame Goupil, a mesma que, indo às vésperas, com o seu vestido de seda, «tornava-se alvo de críticas». A segunda porta, a dos fundos, ficava no minúsculo jardim em que, à tardinha, sentados sob uma grande castanheira, deante da casa, os Proust e os Amiot, ora ouviam o ruído profundo, ferruginoso e bulhento dos familiares que «entravam sem bater», ora as tímidas paneadas, ovais e douradas da campainha acionada por pessoas estranhas.

Adrien Proust, pai de Marcel, foi o primeiro Proust a deixar a Beauce. Seu pai, fabricante de velas, destinava-o à carreira eclesiástica. Chegou mesmo a ser pensionista no colégio de Chartres, mas logo renunciou ao seminário e sem que perdesse a fé, dedicou-se à medicina. Concluiu os estudos médicos em Paris, tornando-se interno de hospitais e, após, chefe de clínica. Era um belo homem, majestoso e bom. Em 1870, ele conheceu uma jovem de feições delicadas e olhos aveludados, Jeanne Weil, enamorado-se dela e a desposou.

Jeanne Weil pertencia a uma família judia, de origem lorena e de sólida fortuna. Seu pai, Nathé Weil, era corretor de câm-

bio; seu tio Louis Weil, um velho celibatário, possuía em Auteuil, rua La Fontaine, um casarão com jardim, naquele tempo uma vivenda para além do termo da comarca; nessa vivenda fora refugiar-se a sobrinha, Jeanne Weil, para dar à luz a seu filho mais velho, Marcel, no dia 10 de julho de 1871. A gravidez de Madame Proust fora penosa, durante o cerco de Paris, sob a Comuna. E eis a razão pela qual ela foi se instalar em casa de seu tio, no «vilarejo de Auteuil». Marcel, durante toda a sua vida, conservava ligações estreitas com a família de sua mãe. Por todo o tempo que lhe permitisse a sua saúde, ele iria, cada ano, visitar o túmulo de seu avô Weil: «Não há mais ninguém», escrevia ele, melancolicamente, no fim de sua vida, «nem mesmo eu, pois não posso me levantar para ir visitá-lo, ao longo da rua Du Repos, no pequeno cemitério dos judeus, em que meu avô, seguindo um rito que jamais cumpriu, todos os anos, ia depositar um seixo no túmulo de seus pais...»

Mas, se Proust não foi daqueles dos quais dizia Mauriac que sabem o que é a verdade, desde a infância, demonstrou vivo sentimento da beleza das igrejas e da poesia. Com seu irmão Robert, ele ia à igreja de Illiers depositar alvas flores de espinheiro no altar da Virgem e foi esta a origem do seu grande amor pelo «arbusto católico e delicioso». Mais tarde, ao contemplar essas flores garridas e piedosas, jamais deixaria de sentir vibrar em torno de si «uma atmosfera de antigo mês de Maria, ou de tardes domingueiras, ou de crianças, ou de erros esquecidos»...

A infância de Marcel Proust foi vivida em quatro cenários que, transpostos e transfigurados pela sua arte, iam se tornar familiares. O primeiro foi Paris, onde ele viveu com seus pais, numa casa burguesa e confortável do Boulevard Melesherbes, n.º 9. A tardinha, conhecida assim no Champs-Élysées, onde, ao lado de cavaletes de madeira e de massiços loureiros, para além das «frentes guardadas», a iguais intervalos, pelos bastiões dos vendedores de açúcar de cevada, ele brincava com um bando de meninas que iam —

todas elas — transformar-se em Gilberte. Eram Marie e Nelly Bernadaky, Gabrielle Schwartz e Jeanne Pouquet (mais tarde, muito mais tarde, a Princesa Radziwill, a condessa de Contades, Madame L. L. Klotz e Madame Gaston de Caillaveti).

O segundo cenário da infância foi Illiers, onde a família ia passar as férias do menino na casa da tia Amiot, rua do Saint-Esprit, n.º 4. Que alegria, após a descida do trem, correr ao encontro do Loir e reencontrar, seguindo a estação do ano, ou as alvas flores de espinheiro, ou os botões de ouro de Páscoa, ou as papoulas e os trigais do verão e sempre a velha igreja, com seu capuz e suas ardias pontilhadas de corvos, pastora que guardava o seu rebanho de casas. E como ele gostava de seu quarto, em que as altas cortinas brancas escondiam o leito dos olhares, e a colcha de flores e as cobertas bordadas! Gostava de encontrar ao pé do leito, a trindade substituída pelo cope de deitinhos azuis, o aquecedor e a maringa de louça, e sobre a lareira, a

lhe pertencia; era um jardim situado na outra margem do Loir, ornado pela mais bela das sébes de espinheiro alvo, ao fundo da qual, sob um caramanchão que ainda existe, Marcel conhecia o mais profundo silêncio, somente interrompido pelo som de ouro dos sinos. Lá ele ali George Sand, Victor Hugo, Charles Dickens, George Eliot e Balzac. «Talvez, não haja dia de nossa infância que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles em que acreditamos deixá-los correr sem os viver, ou aqueles que passávamos com um livro predileto...»

Os dois últimos cenários eram episódios. Era a casa do tio Weil, em Auteuil, na qual os «parisienses» se refugiavam, nos dias de calor e que também forneceu elementos para os jardins de Combray. Louis Weil era um velho celibatário, como já sabemos, e cuja dissoluta vida impenitente escandalizava a família conformista de Marcel; em sua casa, ele encontrava, às vezes, lindas mulheres que acariciavam o menino, como Laure Hayman, elegante mun-

Dieppe, mais tarde, Cabourg. E assim nasceu Balbec. No álbum de Madame Adrien Proust, lia-se: «Carta de meu filho Marcel», Cabourg, 9 de setembro de 1891. «Que diferença daqueles anos de mar em que a avó e eu, fundidos num só ente, iam contra o vento, conversando!... Fundidos num só ente... Jamais uma criança mais se fundiu com a sua família devotadamente amada.

«Por um milagre de ternura, a cada uma de suas idéias, de suas intenções, de seus propósitos, de seus sorrisos, de seus olhares havia se aprisionado o meu pensamento e entre minha avó e eu parecia existir conformidade particular, pre-estabelecida, que me tornava de tal modo uma coisa sua e dela uma coisa minha; minha avó, que se nos propuzessem substituir uma pela outra, a mulher mais genial ou o maior santo que jamais existiu desde que o mundo é mundo e até à consumação dos séculos — e teríamos sorrido, sabendo muito bem que cada um de nós preferia o pior defeito do outro a todas as virtudes do resto da humanidade...»

Podemos sentir prazer em peregrinar pelos diversos lugares que serviram de cenários ou de modelos às obras-primas, e procurar em Saumur ou Guérande o que ali viu Balzac, ou em Cambourg os tristes serões familiares que Chateaubriand descreveu, ou em Illiers os espinheiros brancos do mês de Maria e os canções do Vivonne. Mas, semelhantes confrontos, em vez de nos restituir os quadros maravilhosos criados pela magia do escritor, servem apenas para nos indicar a distância imensa que separa o modelo e a obra: «Se houvesse necessidade de alguma coisa para provar que não existe um universo, mas tantos universos quantos são os indivíduos, que são todos diferentes, o que serviria melhor para demonstração que o fato de, encontrando num colecionador uma granja, uma igreja, uma fazenda, dizermos: «Ora, um Elstir! — pois, reconhecemos assim tantos outros fragmentos de um mundo que Elstir vê e que somente ele viu...» E assim também Marcel Proust viu tantos outros mundos na paisagem de sua infância e, como Rencoir envolvendo toda a carne no arco-iris de sua paleta, assim ele, a suspender grinaldas de adjetivos raros nas árvores da Beauce, como sob os céus dos Champs-Élysées. Mas semelhante beleza permanece apenas dele e todos aqueles que vêm na natureza aquilo que ela é, sem dúvida, ficarão decepcionados ao procurar nela o doce matiz e o vedado dos epítetos.

E ele próprio nos contou como é decepcionante visitar os lugares que pareceram deliciosos a leitores de Maeterlinck ou de Anna de Noailles: «Dese-

(Continua na pag. 9)



O pequeno Marcel e seu irmão Robert

sineta de vidro, sob a qual tagarelava a pênula; e na parede, a imagem do Redentor e um ramo bento. E gostava, sobretudo, das longas horas de leitura passadas no «Pré Catalan». O pequeno parque que o tio Amiot batizara com esse nome e que

dana que descendia de um pintor inglês, mestre de Gainsborough, a qual forneceu algumas das células iniciais de Odette de Crécy. Por fim, durante parte do verão, Marcel era levado por sua avó a uma das praias do canal da Mancha, Trouville ou

jávamos conhecer aquele campo que Millet (pois os pintores nos ensinam à maneira dos poetas) nos revelou em seu «Prin-temps»; desejavamos que Claude Monet nos condu-zisse a Giverny, à mar-gem do Sena, àquela co-tovêlo de rio que é ape-nas nos permite distin-guir através do nevoeiro da manhã. Ora, na ver-da-de, foram simples fortu-nas, de relações ou de pa-rentescos, que lhe permit-tiram a oportunidade de passar ou de deter-se de-ante deles, que induziram a escolher para pintá-los a Madame de Noailles, a Maeterlinck, a Millet, a Claude Monet — e a este caminho, a este jardim, a este campo, a esta curva de rio em vez de a ou-tras...» O parque encan-toado descrito por Marcel Proust, e onde ele se sen-tava para ler sob o cara-manchão, não é possível se encontrar, percebendo-se apenas a portinhola que significava «o fim do porquê» e, para além, os campos de celgas e de pa-poulas, não são apenas o Pré Catelan d'Illiers; não, esse jardim todos nós co-nhecemos e todos nós o perdemos, pois ele só exis-tiu em nossa juventude e em nossa imaginação.

PROUST

(Continuação da pag. 5)

diana, lógica, desprezo das mi-núcias perturbadoras, adaptação estrita, do raciocínio e de pala-vras ao assunto, passividade inte-ira às solicitações deste, obje-tividade, ausência completa do autor. Sem dúvida, um escreveu uma auto-biografia romaneada, o outro uma biografia nada ro-maneada; mas talvez só mesmo um escritor que fosse sob mu-ltos aspectos o avesso de Proust pudesse tão bem refleti-lo, limi-tando-se a ser como um espe-lho, um honesto e limpo es-pe-lho.

OS

quatos comentaristas de Proust apareceram apre-sentando em crismar o autor de «Du Côté de Chez Swann», como um dileto afilhado de Ber-gson. Esta é a opinião seguida por Curtius, Floris Dolâtre, Maurois, este em seu primeiro ensaio sobre o genial solitário do boulevard Haussmann.

Certas afinidades nos temas, certas ligações remotas de fa-mília e identidade de raça tudo isto levou, a muitos, de golpe, a pesquisar o carimbo de bergso-niana na obra de Proust.

Todavia, Maurois em «A La Recherche de Marcel Proust», livro no nosso ver, definitivo porque foi consultado o arquivo inédito do grande escritor fran-cês, atinamente, em poder le-sus sobrinha Mme. Gerard Man-te Proust — afasta definitivamente o papel preponderante de Bergson, na produção proustiana.

A temática — tempo e memó-ria — ou melhor, o tema — tempo — porque a memória não é senão um prolongamento sub-jetivo, psíquico, da sensação fí-sica da temporalidade, é um problema inquietante que já tor-turava Sto. Agostinho. E tódá, a física moderna gira em torno do tempo, como Heidegger, na filo-sofia, rodopia também em torno dele e na literatura. Rilke espe-cialmente existencialista. Não iríamos, por tudo isto, afirmar que Heidegger ou Rilke fossem discípulos de Bergson.

Augusto Meyer, sem dúvida, um seguro ensaísta, filiou-se a essa corrente que entevê o fantasma de Bergson, nos ro-mances de Proust.

No n.º 3, de março deste ano, em «Norteste», Augusto Meyer volta ao assunto, com mais se-gurança que quando apresentou suas «Notas Para a Leitura de

PROUST E OUTROS

Glauco Veiga

«No Caminho de Swann», aden-das à edição da Globo.

Dizemos «com mais seguran-ça» porque nas referidas «No-tas», certamente confecciona-das, às pressas, há generaliza-ções apressadas.

Reproduzindo textos do en-saio de Floris Dolâtre, publica-do em «Les Études Bergsonien-nes», Augusto Meyer aponta termos peculiares a Bergson, segundo Dolâtre, usados por Proust como, por exemplo, «quan-tidades homogêneas», «diferença qualitativa», «multiplicidade qua-litativa», «originalidades especí-ficas» etc.

Mas, estas expressões que julga o sr. Augusto Meyer se-rem originais, em Bergson, nós vamos encontrar, muito antes, em Maine de Biran.

Proust não sofreu influência exclusiva. Ele se marca de influ-ências.

Podemos assinalar calmamen-te em Proust, além de Maine de Biran, a presença de Amiel, de Balzac, especialmente Balzac. Para não nos reportarmos a Ruskin, cujo toque mágico sen-te-se, em cada frase, e de quem aprendeu a admiração pelo deta-lhe, pelo pequenino, em síntese, captar a mensagem e a eloquên-cia das coisas humildes e apa-rentemente sem significação.

A técnica microscópica lhe fora legada por Ruskin, técnica que ele usou e abusou nas abomi-nações que outros a denunci-assem: «mon oeuvre n'est pas

microscopique, elle est télescopi-que». Realmente, a imagem do telescópio, como anota o sr. Augusto Meyer, inspirose em Bergson e se encontra repetida nas «Sentiments Filiaux D'un Parricide» (Pastiches et Malan-ges, pg. 204) e em «Le Temps Retrouvé», Vol. II, pag. 251.

Mas, vejamos o que Proust hauriu em Maine de Biran.

A «multiplicidade do eu» não é originalmente proustiana. Ela está no filósofo francês. Abra-mos as «Ouvres Complètes de Maine de Biran», anotadas por Cousin. Dix Biran, num trecho do diário de 1795: «É estranha para um homem reflexivo e que se estuda, as diversas modifica-ções pelas quais passa. Num dia, numa mesma hora, são al-gumas vezes tão opostas estas modificações, que se poderia vi-duar se o indivíduo é a mesma pessoa».

Outro tópico do «diário», es-crito em 1768, mais convincente: «O Homem, ser sucessivo por natureza, pode constituir unida-de que é um dos atributos do Ser móvel, de seu criador? Não, mas deve tender a êste fim de-sesperado por aleacção».

Agora, Proust: «O homem é o ser que se dispaia e se dissocia. Nada nele é estável, nem uni-forme. Tudo nele muda e se decompe incessantemente. Ca-da dia acrescenta-se na nossa alma, algo de um renascimento e de uma fragmentação».

A multiplicidade psicológica

em Maine de Biran encontramos, portanto, em Proust. Consi-lete-se «La Prisonnière» no cap. I, onde o autor, como em «Du Côté de Chez Swann» apresenta-se no leito:

«De ceax qui composent no-tre individu, de ne sont pas les plus apparents qui nous sont les plus essentiels...»

«En revanche je crois bien qu'à mon agonie, quand tous mes autres "moi" seront morts...»

Mas, onde a semelhança entre Proust e Biran torna-se flagran-te em na leitura das «Nouvelles Considerations Sur Le Sommeil, Les Songes et Le Somnambulisme» (Cfr. Vol. II das Obras Comple-tas de Maine de Biran). Que Proust revivia a experiência de Biran, da mesma maneira que Amiel, anteriormente, tinha sen-tido, não resta dúvida.

Vejamos este trecho de Maine de Biran:

«Nous nous surprenons quel-quefois, pendant la veille, dans certains états particuliers, que nous semblent à rapporter can-fusément à quelque mode d'une existence antérieure, quoique nous ne puissions les y lier par un act exprès de réminiscence: ce sont peut-être d'anciens songes etc.» (pág. 166, vol II).

«Acontece então uma vida mais fragmentada que a de Me-dusa, onde se acrescentaria que se havia sido extraído dos fundos dos mares ou volvido da presa,

se fosse possível pensar em al-go. Porém, do alto do céu, a deusa Mnemônica se inclina e nos alcança sob a forma: «há-bito de pedir café com leite», a esperança da ressurreição» («La Prisonnière»).

«Para Proust o despertar é me-cânico e inconsciente. É uma ressurreição. É como se emer-gisse de uma vida anterior. Nos-tros rápidos instantes, entre o mundo do sono e o mundo da vigília, esse estado de meio dor-mindo, meio-acordado, temos «uma variedade de realidades distintas onde se pode escolhe-las, como num naipe de cartas» («La Prisonnière»).

Aqui, Proust desenvolve a idéia já exposta em «Du Côté de Chez Swann»: «Um homem que dorme, mantém em círculo em torno de si o fio das horas, a ordem dos anos e dos mun-dos. Ao acordar, consulta-os ins-tintivamente e neles verifica, num segundo, o ponto da terra em que se acha, o tempo que decorreu até despertar».

Contudo, voltemos ao sono considerado, como morto e o despertar como ressurreição, te-ma que não é novo pois já está debatido em Shakespeare.

Escreve Proust: «O sono é quase uma morte. Nós desperta-mos sempre com uma sensação de nos haver perdido em nós mesmos. E acordar é uma constan-te desarticulação da unidade espiritual». Esta ressurreição —



Mme. Adrien Proust, nascida Jean Weil, era judia, de origem lorena. Em Autel, a 10 de julho de 1871, nasceu o seu primeiro filho: Marcel Proust.

escreveu em «La Prisonnière» — «não chega de golpe». Pois bem, essa idéia do acordar considera-da como ressurreição vamos achar, também, em Maine de Biran, como depois em Freud. (Cfr. Introdução A La Psico-análise — Vol. I — Obras Com-pletas de Freud. Trad. Balle-steros; pag. 104).

Bem verdade é que «Swann» foi lançado em 1913, enquanto as conferências de Freud per-tencem ao ciclo 1915-1916-1917.

Ao nosso ver, maior que Ber-gson seria a influência de Bal-zac: a começar pelo plano da obra, um «roman-fleuve» envol-vendo uma comédia humana, num ambiente mais restrito, até à imitação de «téc» estilísticos e a cópia de expressões inteiras. Não somente, na correspondên-cia como nos romances, Balzac está sempre em referência. E, paradoxalmente, a influência do criador da Comédia Humana po-sitiva-se pelo seu aspecto nega-tivo. Porque evitando os erros de Balzac — principalmente a dispersão balzacuana no espa-ço social, fabricando tipos a ponto de fazer concorrência ao Registro Civil — Proust conse-guiu psicologicamente aquilo que o criador de Rastignac não obteve: a análise metuculosa dos vícios. Em termos geométricos: Proust é profundamente verti-cal, Balzac é elasticamente hori-zontal. Ou em expressão arit-mética: Balzac é quantidade, Proust qualidade. Em Balzac, há uma origem econômica: a luta da burguesia mobiliária e imobiliária e a aristocracia de-cadente. Balzac, então, parte do econômico e do sociológico para tentar chegar ao psicológico. Proust inicia com uma introspecção intona, libertando-se do conceito físico do tempo para se apegar ao tempo psicológico, e de reconstituição, em consti-tuição, num trabalho exaustiva-mente paciente de abelha ou de termita, segue no rumo burguês (du côté de Swann) ou caminha para o mundo aristocrático (du côté de Guermantes).

Quando se lê Proust, apos-Balzac, tem-se a impressão que o primeiro quis realizar tudo que foi impossível ao segundo, por temperamento. Um crítico anti-proustiano diria: «On trou-ve dans cette oeuvre, (de Proust) la peinture de quelques salons aristocratiques ou de grande bourgeoisie, observés en des jours, très rares, des réu-nions mondaines, et une étude des passions qui se développent dans ce climat de loisirs trop bien nourris: l'amour-malade, la jalousie, le snobisme. Ce n'est pas là, et ce sera de moins en moins, l'image d'une société. Les oisifs appartiennent à une espèce qui va disparaître; avec eux s'évanouiront leurs artificielles passions e leurs maigres soucis. Des hommes d'affaires, des cu-riers, des paysans, des soldats, des savants, des conservateurs, des révolutionnaires, voilà de quel est faite notre société. Balzac l'avait presenté; Proust l'a ignoré». Tinha razão. Esse mundo esquecido por Balzac e focalizado por Proust é todavia um «mundo de crise» e de de-cadência.

Mas, há uma frase que Proust surruplando-a a Balzac limitou bem as suas inclinações. Em «La Prisonnière» referindo-se a uma das faltas cometidas por Francisco contra seu próprio «código» escreveu Proust: «Cha-que classe sociale a son patholo-gie». Igual expressão está em Balzac em «Les Paysans» «Sô-nes de la Vie de Campagne» — Paris — Alexandre Housiaux Editeur — 1855 — pag. 3219 «Chaque sphère sociale a sa distinction».

Ai estão definidos ambos: um no seu subjetivismo, no seu iso-lamento, situado como Poe, fo-ra do espaço e do tempo físicos, out of space, out of time; e o outro agitando-se no espaço de Gaillet.

A MORBIDE E A INSTITU-ÇÃO CERIMONIAL

Não obstante, ninguém melhor se definiu e definiu outro como Proust quando, de certa vez, si-tuou a obra de Balzac: «Balzac

PERFUME DE COMBRAY

CARTA DE LARCHER A ROBERTO ASSUMPEÃO



Fac-símile da capa do livro de Larcher

✧ escritor Roberto Assumpção, secretário da Embaixada do Brasil em Paris e membro do Proust Clube do Rio de Janeiro, recebeu do escritor P. L. Larcher, secretário da «Société des Amis de Combray», a carta que divulgamos a seguir, acompanhada dos Estatutos daquele círculo de estudos e conservação dos motivos proustianos ligados à Província, o qual tem sede na cidade de Illiers, em Eure-et-Loir (França), rue du Docteur Galopin, 26:

«Senhor Roberto Assumpção:

Tenho grande satisfação em tomar conhecimento da fundação de um «Proust Clube» no Rio de Janeiro e nossa Sociedade, com muito prazer, porá o Departamento Cultural da Embaixada do Brasil ao par de sua atividade a fim de que possa comunicar estas informações ao «Proust Clube». Sendo nossos objetivos os mesmos, teremos com efeito o maior interesse em manter relações estreitas e seguidas.

Nossa Sociedade fundada em 1947, ainda não pôde publicar um boletim; seu principal objetivo foi conservar e manter o parque onde Marcel Proust vinha em Illiers (Combray), em Eure-et-Loir, durante suas férias, na sua adolescência e se abandonava à leitura. Este lugar foi classificado como sítio literário pelo Ministro da Educação Nacional, em seguida ao trabalho que fiz editar pelo Mercure de France, 26, Rue de Condé, — Le parfum de Combray — un pèlerinage proustien à Illiers, 1945.

Foi-nos portanto necessário recompôr este jardim que ameaçava desaparecer; êle tornou-se o centro proustiano de peregrinações e de reuniões.

Na falta de um boletim, mandei publicar uma série de artigos em diferentes revistas: Illiers et le mystère Proustien — «Mercure de France» — France — Août 1948; Illiers-Combray — «Europe», n.º 22 — Novembre 1947; La Révélation de Combray —

«Littérature», Florence — Novembre 1947; Le Charme proustien d'Illiers — France «Illustration», 25 Septembre 1948.

Neste envelope o senhor encontrará um extrato de nossos Estatutos.

Peço receber a expressão de meus cordiais sentimentos.

(ass.) — P. L. LARCHER
O Secretário Geral

SOCIEDADE DOS AMIGOS DE COMBRAY

Associação declarada
sob o n.º 2429.

Sede Social: 26, rue du Docteur-Galopin
ILLIERS (Eure-et-Loir)

Presidência de Honra: Madame Gérard Manté Proust — O Sr. Prefeito de Eure e Loir — O Sr. Prefeito de France — O Sr. Inspetor da Academia de Eure e Loir.

Presidente: O Sr. Professor Henri Mondor, da Academia Francesa.

Vice-Presidentes: O Sr. André Billy, da Academia Goncourt — O Sr. Gérard Bauer, Presidente da Sociedade Literata.

Tesoureiro: Sr. Paul-Albert Boyer.
Secretário geral: Sr. P. L. Larcher.
Secretário Geral Adjunto: Sr. André Ferré.
Membros da Comissão: Sr. Conde Roberto de Billy — Sr. Bourdill, Inspetor geral adjunto dos sítios literários — Sr. Charensois — Sr. Jean Pommier, Professor do Colégio de França.

EXTRATO DOS ESTATUTOS

Art. 1.º — Uma Associação está constituída sob o nome de Sociedade dos Amigos de Combray.

Art. 2.º — A sede da Associação é em Illiers (Eure-et-Loir) no lugar designado pela secretaria.

Art. 3.º — A permanência da Associação é ilimitada.

Art. 4.º — A associação tem por objecto fazer de Illiers um centro de interesse literário e repousante em particular, conservando a memória de Marcel Proust.

Art. 5.º — Ela procura atingir este objectivo:
1.º — Chamando a atenção do público literato sobre Illiers e seus arredores, lugares que forneceram a Marcel Proust os elementos de sua inspiração.
2.º — Mantendo seus associados ao par das residências em Illiers (Combray) do escritor Marcel Proust e de seus ascendentes e de uma maneira geral interessando-se pelos estudos consagrados a este escritor.

a) pela publicação de um boletim;
b) pela criação de uma biblioteca e de um serviço de informações.

3.º — Organização de conferências, visitas e peregrinações aos lugares descritos por Marcel Proust.

4.º — Proseguindo a locação e conservação e até mesmo sendo preciso a aquisição dos lugares mais especialmente evocadores de sua obra e principalmente do jardim chamado «le Pré Catalan», assim como a erecção de um monumento à a criação de um museu.

Art. 6.º — A sociedade se compõe de membros de honra e de membros ativos. Os membros ativos se subdividem em membros associados, membros titulares, membros benfeitores, membros fundadores.

Para ser membro titular, membro benfeitor ou membro fundador, é preciso ser apresentado por dois membros da Associação e ser aceite pela Comissão.
A cota é de 100fr. para os membros associados, de 200fr. para os membros titulares. Os membros benfeitores pagam uma cota anual de 500fr. e os membros fundadores uma cota anual de 1.000fr.

Marcel Proust poeta

Há 27 anos, precisamente a 17 de novembro de 1922, morria Marcel Proust, e este aniversário é celebrado com a publicação de numerosas cartas que o romancista endereçou a Antoine Bibesco desde 1902 até o fim de sua vida. O príncipe Bibesco reuniu a essas cartas um certo número de outras dirigidas à sua mulher (*) e ao seu irmão, organizando assim um documentário de primeira ordem, particularmente importante no que se refere às relações de Proust com os seus editores. Al descobrimos, por vezes, o autor de A la Recherche... sob aspectos imprevisíveis, inclusive como poeta, do que é prova o seguinte acróstico bem ao gosto da época:

«Baigne dans ton regard l'Univers fraternel,
Immerge en ton désir les êtres et les choses,
Brandis les monts ainsi que l'on jette une rose,
Et ton geste de Dieu, en blessant un mortel,
Sous tes yeux enchantés nuancera de rose
Celui qui-sul ton pied clama ton avenir,
O garde-lui du moins un tendre-souvenir.»

(De Les Nouvelles Littéraires de 17/11/1949)

(*) N. da red. — A princesa Bibesco é autora do livro Au bal avec Marcel Proust.



MACIEIRAS EM FLOR

Intervalos simétricos, no meio da inimitável ornamentação de suas fôlhas que não se podem confundir com a folhagem de nenhuma outra árvore frutífera, abriam as macieiras as suas largas pétalas de cetim branco, ou suspendiam os tímidos ramos dos seus botões enrubecidos. Para os lados de Méséglise foi que notei pela primeira vez a sombra redonda que as macieiras projetam na terra batida de sol.



Exatamente, porque eu acreditava nas coisas e nos seres, quando percorria aqueles caminhos, essas coisas e seres que êles me deram a conhecer são os únicos que tomo a sério e que ainda me trazem alegria. O lado de Méséglise, com os seus lilazes, seus espinheiros, suas centáureas, suas papoulas, suas macieiras; e o lado de Guermantes com o seu rio de girinos, suas ninféias e seus botões de ouro, sempre constituíram, para mim, a visão da terra onde eu gostaria de viver.



São aqueles prados onde, quando os raios de sol os fazem espelhantes como um charco, desenham-se nelas as fôlhas das macieiras; é toda aquela paisagem cuja individualidade me domina às vezes, de noite em meus sonhos, com um poder quasi fantástico e que não mais encontro ao despertar.



Quando, pelas noites de verão, o céu sonoro ruga como uma fera e todos se enervam com a tempestade, é ao lado de Méséglise que devo o hábito de ficar sozinho, em êxtase, respirando através do ruído da chuva que cá, o odor de invisíveis e persistentes lilazes.

Assim ficava eu, até de madrugada, pensando em Combray, cuja imagem me fóra evocada pelo saber — pelo «perfume» — de uma xícara de chá...

MARCEL PROUST



NORDESTE SOBRE NABUCO

N. R. — Os clichés das legendas do «O Diabo a Quatro» e do «Mequetrefe», publicados em o número de «Nordeste» dedicado a Nabuco, foram cedidos gentilmente pela direção do «Diário de Pernambuco». Outros clichés dessa edição também foram igualmente cedidos pela direção do «Jornal do Commercio».

No trecho de conferência sobre «Nabuco — cidadão do Recife», do escritor e jornalista Aníbal Fernandes — leia-se: "... um Conde d'Arcoz" e não "...um Conde de Açores" como saiu publicado por lapso de revisão, no n.º 4 deste ano.

À MARGEM DA CORRESPONDÊNCIA DE MARCEL PROUST

EVALDO COUTINHO

A carta de Marcel Proust a Laure Hayman, (*) além de apresentar a circunstância de ser datada, é dentre quantas ele escreveu a propósito de sua obra, a que mais se detém sobre as possíveis influências de séres reais na confecção das personagens de "À la Recherche du Temps Perdu". A leitura desse

acontecimento histórico. Ignora-se mesmo o seu nome. Mas em todas as estampas do acontecimento, ele aparece inevitavelmente, porque o acaso ou o Destino, o havia situado ali. Do mesmo modo nossa memória muitas vezes nos apresenta estampas dos fatos históricos de nossa própria vida, nem sempre de fácil discernimento, um pouco à maneira



Marcel Proust num desenho de Ladjano

documento das constantes afirmativas do autor que era um excepcional "pasticheur", deixa em aberto a questão do uso de pessoas reais na elaboração de seus entes fictícios. A defesa do amor próprio, quase sempre exagerada, não concede aos experimentalistas uma liberdade maior e quando o favorecido é Marcel Proust, cujo respeito à personalidade humana assumia aspectos de obsessão, a coleta dos materiais se reveste de todas as nuances da cautela. Do epistolário do criador de Charlus transparece uma sensibilidade atenta às condições dos indivíduos, compreensiva e solidária, expressa geralmente num tom de extrema ternura; se acontecia manifestar algum ressentimento, o meio de fazê-lo não era o da censura ou o da exposição direta de sua mágoa, mas o da queixa velada e subentendida em frase de delicadeza tocante.

A correspondência de Marcel Proust indica melhor o teor de seu espírito do que os acontecimentos importantes de sua vida. Levado talvez pelo pressentimento de que um dia as suas cartas e os seus bilhetes serviriam de objeto à curiosidade do público, Proust os redigia como páginas para divulgação, tal o bom gosto que perpassa em tudo quanto provém de seus escritos. Ou antes, por um transvasamento de sua prodigalidade, as menores coisas saídas de sua pena revelam um espolto e inconfundível repertório. Ele entornava em simples cartas o sabor de suas expressões, e com frequência muitos motivos da melhor qualidade iam ocultar-se nos arquivos de seus destinatários. Inúmeras dessas páginas exclusivas de alguém, representam valores literários que por si mesmos seriam bastante para salvar a reputação criadora de um autor, como a metáfora inserida na missiva a Louisa de Mornand: "Nada significa para nós além da participação que tenho tomado nos momentos doces e dolorosos de vossa vida. Sou como o homem que mantinha o cavalo, ou que estava junto à carruagem em tal grande

da lembrança dos banhos de mar, advinda a nós pela presença de um objeto feito de concha marinha. Mas nessas vistas que a memória nos exhibe tanto dos dias felizes como dos dias trágicos que governam ainda hoje nosso destino, percebemos fatalmente a personagem acessória, o comparsa introduzido, o Marcel Proust cuja recordação se tingiu, para nós, com a cor que inunda todo o quadro. Fosse comparsa nada pede e se rejubila silenciosamente com essas boas fortunas da amizade, de seu papel que, segundo a palavra do Evangelho, não lhe pode ser usurpado."

O volume número 5 da Correspondência geral de Marcel Proust inclui onze cartas a Laura Hayman, sendo a primeira de 1892 ou 1893, e a última, cuja tradução publicamos a seguir, de poucos meses antes da morte do autor. Em tão longo período de relações, Marcel Proust mantém a sua habitual forma de tratamento, onde a cortezia e a vassalagem mundana são por vezes excessivas. Acontece porém que Laura Hayman, era u'a mulher socialmente distinguida, e em cujo convívio se salientava a figura de Paul Bourget. Prezada por toda a família de Marcel Proust, o discutido modelo de Odette de Crécy associava-se às ocorrências extraordinárias da família Proust, um tanto à maneira do comparsa do acontecimento histórico; quando faleceu Louis Weil, tio de Marcel, desconhecendo as recomendações do extinto no sentido de não haver flores no enterro, Laure Hayman enviou uma coroa que não foi colocada no coche fúnebre. Todavia, dada a espontaneidade do gesto e a grande estima que a alitava à mãe do romancista, esta deliberou, numa derrogação compreensiva, unir aos despojos a presença daquela homenagem: "Pode-se dizer de nós — agradece Marcel Proust — como da mulher do século dezanove, que a bondade e a generosidade não têm sido as menores de suas elegâncias."

"19 de Maio de 1922

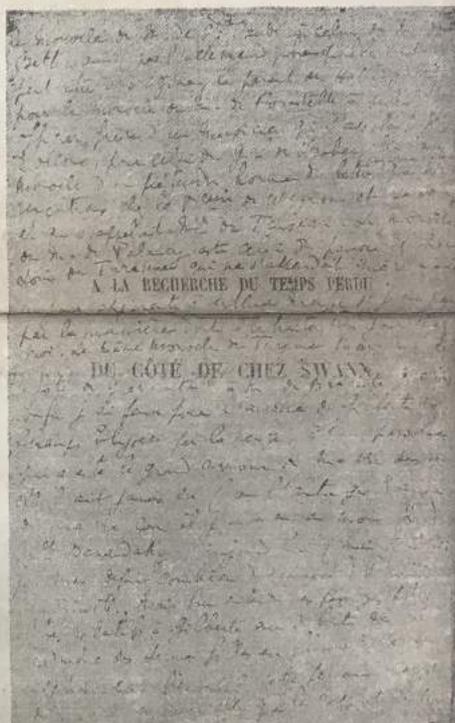
Cará Senhora,

Após um acidente ocorrido na última semana (tomei um remédio sem saber que era necessário diluí-lo, causando-me dorça intolerável), eu esperava sofrer com calma e não redijir nem mesmo uma carta. Mas acontece que pessoas cujos nomes ocultos, foram bastante maldosos para reproduzir tal fábula e vós (coisa aliás que, partindo de vós, me surpreende) surgiu desprovida de espírito crítico a ponto de lhes dar crédito, circunstância que me leva a vos responder protestando mais uma vez, creio que inutilmente, porém o faço por dever de consciência. Odette de Crécy, além de não ser vossa pessoa, é exatamente o oposto de vós. Parece-me que isto é corroborado, com força de evidência, pelas palavras que ela pronuncia. É também importante que nenhum pormenor de vossa individualidade se haja inserido numa confecção tão diferente de vossa pessoa. Não existe talvez uma só personagem das mais inventadas em seu conjunto, que não corresponda à lembrança de alguma pessoa, apenas num simples fragmento, vindo assim anexar o seu toque de verdade e de poesia. Por exemplo (creio que em "Jeunes Filles en fleurs"), situei no salão de Odette as flores inconfundíveis que uma senhora "du côté de Guermantes", como aliás, adorna habitualmente a sua casa. Ela reconheceu essas flores e se mostrou agradecida, não supondo jamais que por isso ela era Odette. Alegais a propósito dessas coincidências que vossa "gnola" (?) se parece com a de Odette. Surpreendo-me com essa descoberta. Vosso gesto revela tal segurança e tal malícia! Se eu desejasse conhecer o nome de um móvel ou de um tecido, dirigiria-me a um bom grão a vós de preferência a qualquer artista. Entretanto, com muita impetuosidade talvez, mas com o melhor que pude, tenho, ao contrário, procurado mostrar que Odette, em assunto de mobiliário como em outros assuntos, não se distinguia pelo bom gosto, e estava sempre (salvo no tocante a toilette) em atraso de u'a moda ou de uma geração. Ser-me-ia impossível descrever o apartamento da avenida do Trocadéro ou a vivenda da rua La Pérouse, porém me recordo delas como o invertebro da residência de Odette. Houvesse pontos comuns aos dois, isto não provaria que tenho pensado em vossa pessoa ao criar a personagem Odette, assim como dez linhas sobre a vida e o caráter de outra figura, aos quais dediquei vários volumes, refletem a personalidade do Sr. Doan, não indicando contudo que eu tinha tentado a cópia do Sr. Doan. Assinalai em artigo de "Oeuvres libres" a estultícia das pessoas do "mundo" que pensam ser este o modo de se introduzir alguém em um livro. Ainda mais: elas escolhem geralmente o indivíduo que é o oposto ni-

tido da personagem. Estou farto de afirmar que a Srta. G... não é a duquesa de Guermantes, porém a sua antítese. Sobre essas coisas não consigo persuadir nenhum ganço. Vós vos comparais a essa ave, no entanto me transmissis antes a lembrança da andorinha pela ligeireza (quero dizer a rapidez), da ave do paraíso pela beleza, da róia pela amizade fiel, da gaiota ou da água pela altivez, do pombo correio pelo instinto certo. Será que eu vos sobrestimava? Ledes-me e contraias semelhante com Odette! É para se desesperar de escrever livros. Não tenho os meus volumes muito vivos no espírito. Posso todavia vos dizer que em "Du côté de chez Swann", quando Odette passava em carruagem pelas aduelas, me tenho recordado de certos vestidos, de certos movimentos, etc., de u'a mulher chamada Cloménil, criatura muito formosa, com suas roupagens longas, seu andar vagaroso, junto do tiro aos pombo, diferente entretanto ra-

dicalmente de vossa particular elegância. A não ser nesse instante (meia página talvez), não tenho cogitado de Cloménil uma vez sequer ao falar de Odette. No próximo volume, Odette caracterize-se com um nobre; sua filha tornará-se a parente afim dos Guermantes e portadora de um grande título. As mulheres do "mundo" não fazem a menor idéia do que seja a criação literária, com exceção daquelas realmente notáveis. Mas em minha lembrança estão sem dúvida entre as mulheres notáveis. Vossa carta trouxe-me decepção. A fadiga impede-me de continuar, e ao dizer adeus à cruel massivista que só me escreve para me causar tristeza, apresento meus respetos e minha terna lembrança àquela que outrora me tem melhor considerado.

(*) Correspondence Générale de Marcel Proust. — Publié par Robert Proust et Paul Brach — Plon Paris — 1935.



Fac simile de uma das páginas do SWANN que Proust ofereceu a Lacretelle, e no qual escreveu sua célebre carta a propósito das "chaves" de suas personagens. Proust negou, mas a versão geral dos contemporâneos é a de que Laure Hayman teria sido uma das "chaves" de Odette de Crécy.

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS
LITERATURA — LIVROS ESCOLARES, TÉCNICOS E CIENTÍFICOS
Livreria da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DA IMPERATRIZ, 43 — TELEFONE 2726
ATENDEMOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO
RECIFE — PERNAMBUCO

Proust e os trens de Província

JOAQUIM CARDOZO

Para os que como eu conservam ainda na memória certas cenas de vida despenhadas ou sucedidas ao longo das estações de uma pequena e provinciana estrada de ferro; que ainda recordam, com um resto de emoção e saudade, alguns fatos e acidentes ocorridos em circunstâncias só compreensíveis àqueles que se vêm obrigados diariamente a viajar nesses pequenos trens, nada poderá mais particularmente interessar, lendo Proust, do que aqueles episódios dos seus romances que têm como cenário os pequenos trens de Balbec.

É no interior de vagões simples e modestos que se passa grande parte dos acontecimentos de *Sodomie et Gomorrhe*; lá é que conversam Cottard e Brichot e todo o "petit clan" a caminho da herdade dos "Cambremer, "à la Raspalière", onde veraneavam os Verdurin. De estações ainda mais simples e modestas é que inesperadamente irrompiam Charlus e Saint Loup; e os momentos de espera e a agitação das partidas e das chegadas nas estações onde de

vias suas determinadas pessoas amigas, ali, tão deliciosamente descritos, me trazem à lembrança as contingências de vida que, durante os meus 15 e 16 anos, me fizeram prisioneiros do tráfego ferroviário entre o Recife e Jaboatão.

A frequência desses pequenos trens possui a faculdade de transmitir aos pas-



... estes lugares maravilhosos que são as estações, de onde se parte para um ponto distante, como a de São Lázaro onde eu ia apanhar o trem de Balbec.

sageiros uma espécie de sutil e transcendente intimidade, imprimindo-lhes um certo ar de parentesco e a contagiosa solidariedade dos que se reúnem às mesmas horas por anos a fio. Solidariedade maior do que a que se adquire no colégio, na caserna ou no trato comum entre vizinhos e que

comunica um quase compromisso partidário ou comparativo.

É por isso que dos companheiros de trem guardamos em nossas recordações uma imagem às vezes mais viva do que a de certos amigos ou colegas mais íntimos, ao ponto de se tornar impossível afastar inteira-

mente da memória certas figuras com quem mantivemos o menor fragmento de conversa mas de quem nos acostumamos a assistir uma parte de suas vidas, vendo-lhes as roupas que usavam ou os livros que liam, como reflexos dos seus gostos e aptidões variáveis no tempo. Tempo que por ser configu-

rado e definido pela estrada de ferro produz esse efeito mágico de fixação e permanência.

É esse tempo que na sua duração vai inscrevendo os acontecimentos assim de maneira tão particular é talvez de todos os que Proust procura recuperar o de mais fácil manejo e o que à memó-

ria lhe vem mais presente e vivo, pois é um tempo fragmentado, medido pelos horários, um tempo marcado pelo trajeto dos comboios, dividido e disseminado pelas regiões percorridas e de onde ressurgem todo impregnado de lembranças.

É um tempo que sempre renasce, que sempre refloresce e que perdura, sem o nosso querer, em nossa consciência por toda a vida, como um canto de madrugada ou um matiz de pôr de sol.

Viajando com o "petit clan" nesses trens de Balbec surge diante de mim, como uma visão, com gestos e vozes distantes, grupos de moças em dias de Domingo, passeando de braços enlaçados ao longo de plataformas, à espera do "trem da serra"; surge a figura magriça de Antenor alegre e ri-sinho indo assistir no trem de 1h.20m. a partida das normalistas ou ainda a de Olivério muito agitado e corado a dizer gracejos a todos que via passar além da sua janela de vagão.

Mas como expressão comvente dessa misteriosa dependência às partidas e chegadas de trem, relembro aqui aquele jovem que todos os dias às 6 horas da tarde partia para a estação das Cinco Pontas ao encontro de alguém que não seria propriamente um parente seu ou um amigo mas que deveria chegar de Barreiros, trazendo-lhe um pouco do ar e da fisionomia da sua cidade natal.

HORACIO SALDANHA & CIA. LTDA.

**IMPORTADORES DE CARVÃO DE PEDRA
SERVIÇOS MARÍTIMOS**

End. Teleg. HORASALDA

Códigos: Bentley's - A. B. C. 5.ª ed. - Ribeiro e Borges

AV. MARQUÊS DE OLINDA, 133-1.º

Caixa Postal, 140

Telef. 9144

RECIFE

PERNAMBUCO

PASTICHES DE PROVINCIA

Versão de LÚCIO RANGEL



O velho pórtio de Honfleur

MAIS que as fadigas do caminho, a lembrança apreensiva das exigências de meu pai, a indiferença de Pia, a animosidade de meus inimigos me esgotavam. Durante o dia, a companhia de Assunta, seu canto, sua docura para comigo, que ela conhecia tão pouco, sua beleza branca, castanha e rosa, seu perfume que resistia às rajadas do vento marinho, a pluma do seu chapéu, as pérolas em seu pescoço, me distraíam. Mas, às nove horas da noite, me sentindo cansado, pedia que entrasse com a carruagem e me deixasse repousar ao ar livre. Estávamos quase chegando a Honfleur; o lugar fóra bem escolhido, contra um muro, à entrada de uma dupla alameda de grandes árvores que protegiam do vento; o ar estava puro. Ela consentia e me deixava. Deitava-me na relva, a cabeça voltada para o céu sombrio, acalentado pelo ruído do mar, que escutava por detrás de mim sem contudo o distinguir na obscuridade. Não tardava a adormecer.

Logo sonhava que, deante de mim, o pôr do sol iluminava a superfície da praia e do mar. O crepúsculo

tombava e me parecia que era um pôr do sol e um crepúsculo como qualquer outro crepúsculo ou pôr do sol. Mas vinham me trazer uma carta, queria lê-la e nada distinguia. Só então percebia que, apesar dessa impressão de luminosidade intensa e derramada, estava tudo às escuras. O pôr do sol era extraordinariamente sombrio, luminoso sem claridade e à areia mágicamente alumada a juntava-se tanta treva que penoso esforço me era necessário para distinguir uma simples concha. Nesse crepúsculo próprio de sonho, era como se contemplasse o pôr do sol doente, e descolorido de uma região polar. Meus males então se dissipavam; as resoluções de meu pai, os sentimentos de Pia, a má fé de meus inimigos, me dominavam ainda, mas sem me torturar, como coisas naturais que se recebem com indiferença. A contradição desse resplendor obscuro, o milagre dessa treva encantada não despertavam nenhum temor aos meus males, nenhum medo, pelo contrário, me sentia envolto, banhado, ligado a uma docura cada vez maior, cuja inten-

sidade deliciosa acabava por me acordar. Abria os olhos. Esplêndido e calmo, meu sonho se estendia em volta de mim. O muro em que me havia recostado para dormir estava em plena claridade e a sombra de suas diversas vegetações se projetavam tão vivas como às quatro horas da tarde. A folhagem de um álamo da Holanda, movida por uma aragem insensível, brilhava. Viam-se as vagas e velas brancas sobre o mar, o céu estava claro, a lua tinha subido. Por momentos, ligeiras nuvens passavam por ela, mas se coloriam então de tons azulados cuja palidez era profunda como a gelatina da medusa ou o coração de uma opala. A claridade, no entanto, que brilhava por toda parte, não era passível de ser fixada. Sobre a relva mesmo, que resplandecia como miragem, persistia a obscuridade. As árvores, um fôssco, estavam absolutamente às escuras. De repente, um ruído ligeiro que despertou como uma inquietude cada vez mais rápida, pareceu rolar pelo bosque. Era o estremecimento das folhas batidas pela brisa. Uma a uma, eu as escutava bater como vagas sobre o vasto silêncio da imensidão da noite. Depois, desse rumor diminuía e se apagava. Na estreita campina que se estendia deante de mim entre as duas espessas alamedas de carvalhos, parecia correr um rio de claridade, limitado por essas duas margens de sombra. A luz da lua, focalizando a casa do guarda, as vegetações, uma vela de embarcação, na noite que os anulava, não os havia acordado. Nesse silêncio de sono ela não iluminava senão o vago fantasma de sua forma, sem que se pudessem distinguir os contornos que os faziam durante o dia tão reais que me oprimiam com a certeza de

sua presença e com a perpetuidade de sua vizinhança banal. A casa sem porta, a vegetação sem tronco, quase sem folhas, a vela sem barco, pareciam, ao em vez de uma realidade cruelmente inegável e monotonamente habitual, o sonho estranho, inconsciente e luminoso das árvores adormecidas que mergulhavam na obscuridade. Com efeito, jamais o bosque dormira tão profundamente, sentia-se que a lua havia aproveitado para dominar sem ruído no céu e no mar essa grande festa pálida e doce. Minha tristeza desaparecera. Ouvia meu pai me repreender, Pia zombar, meus inimigos se organizarem contra mim e nada disso me parecia real. A única realidade estava nessa irreal luminosidade, e eu a invocava sorrindo. Não compreendia que irreal semelhança unia meus dissabores aos

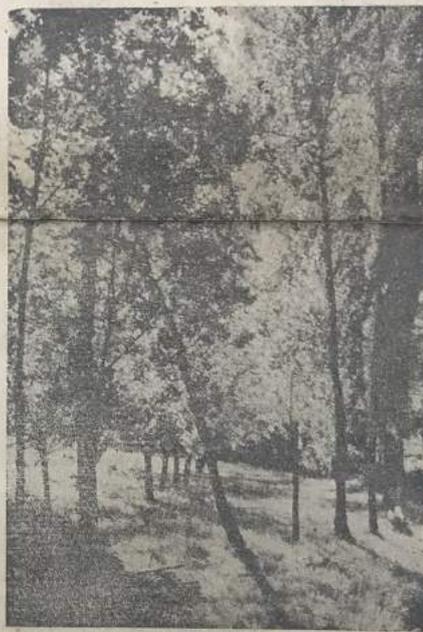
par do segrêdo, desde que meu coração bem o entendia. Chamava por seu nome a santa mãe noite, minha tristeza havia reconhecido na lua sua irmã imortal, a lua que brilhava sobre as dores transfiguradas da noite; e no meu coração, donde se haviam dissipado as nuvens, tinha se levantado a melancolia.

Nada temos a temer, mas muito que aprender com a tribu vigorosa e pacífica das árvores que produzem continuamente para nós as essências fortificantes e os bálsamos que acalmam, e na companhia das quais passamos tantas horas agradáveis, silenciosas e de recolhimento. Por uma dessas tardes brilhantes em que a luminosidade, de tão intensa, ofusca nos-

reluzem melodiosamente no silêncio velado do bosque. Nosso espírito não sente, como à beira-mar, como nas campinas ou nas montanhas, a impressão de comungar com a terra, mas a felicidade da evasão; cercado por toda parte pelos troncos indissolúveis, ele se eleva, tal como as árvores. Deitados sobre o dorso, a cabeça apoiada nas folhas secas, podemos seguir, do âmago de um repouso profundo, a agradável agilidade de nosso espírito que sobe, sem fazer tremer a folhagem, até os mais altos ramos, onde entra em contacto com o azul do céu, junto a um pássaro que canta. Aqui e ali, um raio de sol escorre pelas árvores que, por vezes, sonhadoramente, se deixam banhar e dourar nas últimas folhas de seus ramos. Todo o resto, indiferente e estável, cala-se numa tranquila felicidade. Delgadas e eretas na vasta oferenda de seus ramos, portanto serenas e impassíveis, as árvores, com essa atitude estranha e ao mesmo tempo natural, convidam-nos com graciosos murmúrios a simpatizar com uma vida antiga e jovem, tão diferente da nossa e da qual parece aquela a obscura reserva inesgotável.

Uma brisa ligeira quebra por um instante sua reluzente e melancólica imobilidade e as árvores estremeçam fracamente deixando penetrar por sobre seus mais altos ramos a luz que vem movimentar a sombra no solo.

O que mais me encantava então, era permanecer sob os imensos castanheiros quando estes se encontravam amarelecidos pelo outono. Que horas passei nessas grutas misteriosas e verdejantes, contemplando sobre minha cabeça as murmurantes cascatas de ouro pálido que traziam frescura e obscuridade a esses recantos! Invejava os pintarrosos e os esquilos que habitavam os frágeis e profundos esconderijos de verdura, jardins suspensos que a primavera depois de dois séculos cobria de flores alvas e perfumadas. Os ramos, ligeiramente recurvados, desciam generosos, como se fossem outras árvores plantadas em sentido inverso. A palidez das folhas que ainda restavam salientava mais as diversas hastes que davam agora a impressão de mais sólidas e escuras depois de desfolhadas e que, assim reunidas ao tronco, pareciam reter num penteado magnífico a doce e loura cabeleira derramada.



... onde se elevam os gigantes espessos, cuja folhagem separa, como cortina frágil, o oceano de luz...

solenes mistérios que eram celebrados no bosque, no céu e no mar, mas sentia que sua explicação, sua consolação, seu perdão, estavam conferidos e que era sem importância que minha inteligência não estivesse ao

sa visão, desçamos a um desses recantos normandos onde se elevam caprichosamente os gigantes espessos cuja folhagem separa, como cortina frágil mas resistente, o oceano de luz, retendo apenas algumas partículas que

“NORDESTE” lançará em janeiro o livro de ensaios literários de

ADERBAL JUREMA

Provinciana

COOPERATIVA BANCO DO NORDESTE LIMITADA

Sede: RUA DO IMPERADOR N.º 310
Endereço Telefónico: “BANORDESTE” — Telefone: 6280
RECIFE — PERNAMBUCO

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — DEPÓSITOS

Secção de ADMINISTRAÇÃO DE BENS com carteira especializada em LOTEAMENTO e VENDA de TERRENO urbano

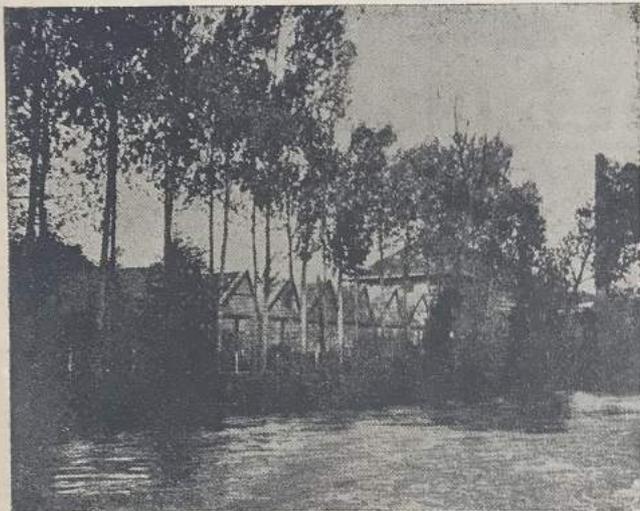
ALCIDES MARROQUIM
Presidente

WALDEMAR CARDOSO
Gerente

Personagens de Combray

Trechos da «Introduction», de Lewis Gallantieri, ao livro «Swann's Way»

(Versão do inglês por LUIS JARDIM)



"DU CÔTÉ DE GUERMANTES"

A CAPITAL do universo de Proust, o sol em torno do qual gira o seu mundo, é a cidade de Combray. De lá vêm todos os magníficos personagens de seu romance: o narrador, sua bela mãe, sua terna avó, sua criada Françoise, de alma medieval, seu vizinho Swann, os Guermantes, o snob Legrandin, o músico Vin-

teuil, o vulgar e livresco Block e os outros. Mas a igreja de Combray, as torres de Martinville, os cachos de «aubepines», dentro e fora do parque de Swann, a já agora célebre «pequena frase» da sênata de Vinteuil são, não menos, que esses homens e mulheres, «personagens» e influências através desse encantador

trabalho. Quem ler verá, quando atingir o centro e a culminância de Swann's Way, na longa parte chamada «Swann in Love», como um trecho de música e uma variedade de orquídeas («catleiar» é o infinitivo mais exóticamente ardente no vocabulário de Proust) podem agir para plasmar a vida de um homem.

Essa parte do romance é geralmente admitida como sendo a mais fina de todo o trabalho de Proust. Talvez seja, pois um movimento numa sinfonia pode afinal parecer mais encantador do que os outros. Todavia, não parece necessário que se façam distinções dessa natureza. Em Combray temos um setor da sociedade francesa; entre os Vendurins, em Paris, onde Swann e Odette passam o período do namoro, temos outro, o milien da rica bourgeoisie. Há nessas páginas uma densidade de caracterização, particularmente nos retratos de Mme. Verdurin, Odette e Swann, a qual Proust iguala noutras partes, decerto, mas que para mim é inultrapassável e que raramente tem paralelo em outro qualquer romancista. Swann é sem dúvida a pessoa central da narrativa, como na verdade o é de todo o romance. «Se penso nisso» — diz Proust no final do seu imenso trabalho — «a substância da minha experiência me veio através de Swann». Gilberte, Balbec, Albertine, os Guermantes, Saint-Loup, Charlus, a duquesa de Guermantes se devem a Swann. «Até mesmo o momento em que, com o Príncipe de Guermantes, fui repentinamente preso pela idéia do meu trabalho (dessa maneira devo a Swann não apenas a sua substância, mas a decisão de escrever) veio do mesmo modo de Swann». Acima de tudo, ele — e nós também — devemos agradecer a Swann pelas páginas finais deste livro, uma vez que tratam do amor de Marcel por Gilberte Swann, a qual

mais tarde se tornará uma mulher da moda, mãe de uma filha em quem se fundirá a herança de Swann e Odette com a dos Guermantes.



DU CÔTÉ DE MESEGLISE

Uma cascata
de
vitaminas

é todo tomate apanhado em
nossas vastas plantações!

EXTRACTO DE TOMATE



PEIXE

Desses frutos polpidos e succulentos é fabricado o Extracto de Tomate PEIXE, que communique aos alimentos o sabor do tomate maduro, colhido em nossas proprias plantações. Concentrado a baixa temperatura, em pre- evaporadores tubulares, o producto conserva toda a riqueza de vitaminas do tomate e o seu alto valor nutritivo.

Peça ao seu fornecedor Extracto de Tomate "Peixe", porque só ha um Extracto de Tomate marca "Peixe"



INDÚSTRIAS ALIMENTÍCIAS CARLOS DE BRITO S.A.
(FÁBRICAS PEIXE)

Herman Lundgren

(Continuação da pag. 14)

cu se erguia veementemente em prol dos negros escravizados, Herman Lundgren foi um dos que de modo mais claro o apoiaram, não apenas por ser natural de um país como a Suécia, cuja grandeza casou-se da própria noção de liberdade de seus filhos, mas principalmente porque, com os seus pontos de vista sociais e humanos, não podia concordar com aquela humilhante situação em que viviam milhares de renegados escravizados, a um conceito feudal da sociedade.

A campanha chefiada na província nossestina por Joaquim Nabuco e José Mariano, com tanto brilho e desassombro, encontrou imediatamente a solidariedade de Herman Lundgren. Esses eminentes pernambucanos tiveram em Lundgren um amigo de todas as horas, não apenas durante a campanha, como após a consecução de seus ideais; o antigo correnter de navios da Lingueta foi, portanto, um dos mais ativos participantes dessa reforma social.

Extinta a campanha, Herman Lundgren voltou aos horizontes rotineiros de sua vida de industrial. Contudo, um novo acontecimento político haveria de sollicitar a sua colaboração.

Quando, nos primeiros tempos da República, o marechal Floriano Peixoto assumiu o governo, nomeou governador em Pernambuco o capitão de engenheiros Alexandre José Barbosa Lima.

Espirito exato e progressista, Barbosa Lima resolveu estimular as indústrias de Pernambuco, tendo sido, até então, um dos poucos homens de governo que no Brasil procuraram orientar as iniciativas privadas.

A sua influência se fez sentir de preferência nos círculos acadêmicos, com o início de instalações de grandes usinas.

Era o tempo em que as consequências da Abolição mais se notavam no maquinismo econômico das regiões nordestinas, habituadas ao facilismo do trabalho escravo. Os velhos chefes vivos da decadência, e em todos os setores da vida, não se podia observar o irreparável declínio de uma aristocracia sem nenhum espírito de iniciativa.

Em vez de desanimar de seus espíritos resolutos como o governador Barbosa Lima, e o industrial Herman Lundgren, essa passagem marcada pelo decadência mais os estimulou, dando-lhes motivos para reerguer as fontes de riqueza, incrementando a produção e tornando viva na manufatura o comércio a necessidade de se ir buscar na terra o húmus que haveria de dar nova estrutura a organismo econômico que o tempo superara.

Foi o governo Barbosa Lima um dos mais agitados do período republicano, nascendo as esperanças que o atravessaram da própria incompreensão ambiente. Para que se tenha uma idéia da atmosfera de violência que o caracterizou, basta que se diga que, certa vez, atacado em sua honra desoal por um jornalista do Recife, o governador o obrigou a enquistar em pilulas os recortes do jornal que o ofendera. E, nessa conjuntura, mais ainda a Herman Lundgren, seu seu linguajar confuso e arrevesado de suco naturalizado brasileiro, justificar a violência, considerando-a uma maneira exemplar de corrigir imperfeições cujo objetivo era corrigir o trabalho de uma administração que se dedicava resolutamente a salvar a periclitante economia de uma grande província.

O espírito político de Lundgren, por duas vezes revelado em circunstâncias históricas, iria refletir-se também em seus filhos Frederico e Arthur, que participaram de atividades partidárias, e primeiro, exercendo o mandato de deputado federal e fazendo parte da Comissão de Finanças da Câmara, onde teve atuação destacada, e o segundo por longo tempo membro da Assembleia Legislativa Estadual.

UM CRIADOR DE RIQUEZAS

Imensas áreas das propriedades da fábrica, terras que poderiam gerar muito bem, lá-voltar, viviam ainda abandonadas, sem a menor utilidade. Numa manhã, Herman Lundgren, montado num cavalo, se perambulava, tendo, nessa excursão um objetivo: manter cultivadas imediatamente, por obra da Companhia, e em proveito do seu operariado.

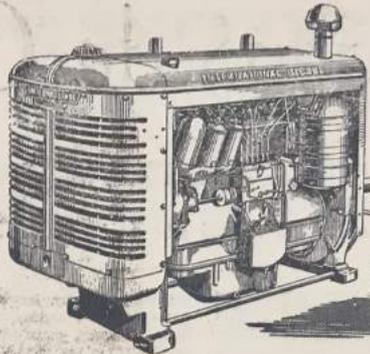
Feitas as necessárias observações, dirigiu-se no mesmo dia aos trabalhos iniciais do plantio de cereais. Estes eram depois levados aos barracões e à feira doméstica e cedidos aos trabalhadores sem qualquer lucro para a empresa.

Observador atento dos assuntos sociais de sua época, aos limites íntimos, fazia ele as suas críticas, e muitas delas profundamente mordazes, sobre a ausência absoluta de ação do Poder Central em defesa das populações do interior.

Quando fora proclamada a República, alimentara vivas esperanças aos idealistas que, durante a fase de propaganda do movimento, se tinham comprometido os tribunais e na imprensa a procurar concertar o que estivesse estragado. Para pagano! Tudo continuou na mesma passividade de outrora; as línguas e trombas de ação não pensavam em conquistar posições, esquecidos inteiramente das necessidades do povo. Não surgia nenhuma providência salutar em defesa de volúveis. Esse estado de coisas resultou desolador de desânimo de estancamento social e humano. Herman Lundgren costumava dizer: "Agora estou cético de que não precisamos de reformas políticas; precisamos, isto sim, de homens práticos, esclarecidos e bem intencionados que procurem levantar o nível das nossas populações, dando-lhes realmente, condições de vida que os animem ao trabalho. Só assim poderemos esperar dias tranquilos e propícios para este vasto país".

Herman Lundgren faleceu aos 72 anos de idade, em fevereiro de 1907. Sua longa vida para toda uma época de trabalho árduo e incessante. Ter sido um dos grandes pioneiros do desenvolvimento industrial do Brasil, eis o ponto básico de sua personalidade. A própria glória de seu nome, que passou a posteridade como um invulgar exemplo de ação realizadora, construtiva, não é uma simples página da história do passado nacional, mas continua concreta e viva nessa imensa federação comercial e industrial que cobre o Brasil inteiro: "As Lojas Paulistas" no norte, e as "Casas Pernambucanas" no sul.

Dexou ele as fábricas de polvora e de tecidos e as empresas de exportação e importação como herança à esposa e aos filhos. Por delegação dos herdeiros, tocou a Arthur Lundgren a administração da fábrica de Polvora e a Frederico Lundgren, a direção da Fábrica de Tecidos Paulista, cabendo, a este último, porém, supervisionar todos os negócios, quer os de



PARA FINS INDUSTRIAIS

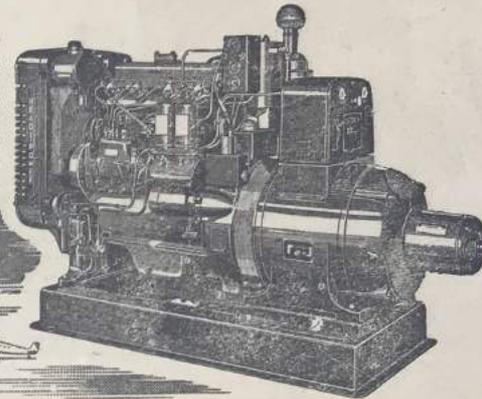
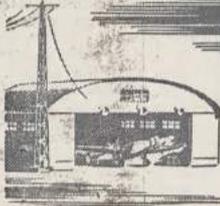
Força econômica para fins industriais é o que lhe oferece a série de motores industriais International. Há modelos para funcionar a gasolina, querosene ou Diesel, com potência desde 22 HP até 180 HP, para uso em serrarias, oficinas mecânicas, campo de petróleo e muitos outros fins industriais.



MOTORES INDUSTRIAIS

CONJUNTOS ELÉTRICOS

Os Motores Industriais International, conjugados a geradores elétricos Ready-Power, proporcionam energia elétrica econômica para pequenas cidades, fazendas, estações de rad, serrarias e outras indústrias. A série de motores International com geradores inclui modelos com capacidades desde 1 K.W. até 85 K.W. (C.A.) e podem ser equipados com regulador de voltagem e outros instrumentos de controle.



FORÇA INDUSTRIAL INTERNACIONAL

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

CARVALHO & CIA.

EDIFÍCIO ALMARE — TELEGRAMAS "ALMARE"
RECIFE — PERNAMBUCO

Temos "Stock" Para Pronta Entrega



natureza comercial, quer industrial. Foi uma acertada prerrogativa conferida pela família ao mais atilado e experiente, aquele que, de há muito, vinha dando mostras de que herdara, com maior amplitude, o gênio dinâmico e empreendedor do pai. Frederico João Lundgren chegou

à Fábrica Paulista ao potencial em que hoje se encontra esse estabelecimento, que constitui, juntamente com a sua oficina, a Fábrica Rio Tinto, por ele fundada na Paraíba, talvez o maior parque de indústria têxtil do país.

Em 1946, Frederico João Lundgren faleceu, mas ao leme do grande império industrial surgiu outro timoneiro com as mesmas qualidades congênicas de dinamismo que são apátridas da família Lundgren. Passou a dirigir a modelar organização, o comendador Arthur Herman Lundgren, que vem continuando resolutamente a obra de seus antecessores numa ascendente marcha progressiva, dentro do mesmo espírito de desenvolvimento de suas possibilidades econômicas e aprimoramento técnico e social de seus operários. E, nos dias de hoje, o novo administrador dá-se sustentáculo da nossa indústria têxtil trabalhadora, juntamente com o poderido voltado para as necessidades e interesses do Brasil, perfeitamente identificado com as nossas realidades sociais, humanas e econômicas, como se as guiasse os passos e as iniciativas o exemplo daquele jovem imigrante sueco que, um dia, desembarcou no Recife e cumpriu o seu destino de pioneiro do progresso econômico do Nordeste.

UMA LIÇÃO PROFÉTICA

As grandes vidas encerram lições, constituem verdadeiras mensagens dirigidas à posteridade, e que quase sempre consubstancia, em verdade e em definição, esses esforços pessoais e suas conseqüências particulares. Um exemplo do espírito profético dos criadores e dos pioneiros está na própria realidade moral ou social da época que se lhes desdobrou, e que parece obedecer às suas mais altas idealizações. Examinando-se o surto de pro-

gresso do Brasil dos nossos tempos, essa conquista de dias melhores que é a esperança do homem sobre a terra, vê-se facilmente a conexão entre uma realidade palpável e o sonho de um homem que, ultrapassando suas próprias fronteiras temporais, tudo fez no sentido de construir os alicerces do futuro de sua região, para que da união de seus esforços com outras obras revolucionárias surgisse um mundo coerente com a força de seus sonhos.

Ququer pessoa dos dias de hoje, mesmo que desconheça a complexidade dos nossos problemas econômicos e financeiros, não deixa de sentir-se tocada pela tumultuosa atmosfera de trabalho que se lhe apresenta aos olhos, e traduz a capacidade de agir dos governos ou dos empreendedores de iniciativa privada. O desenvolvimento da agricultura, em bases técnicas e racionais, com a mecanização da lavoura; a exploração de novas riquezas, como o trigo, o petróleo e o manganês, abrindo caminhos para a libertação econômica do país; Volta Redonda, industrializando as nossas reservas de minérios de ferro; a luta contra a natureza, através de um programa intensivo de defesa sanitária; a ampliação da capacidade hidroelétrica do país, concretizando o sonho de Delmiro Gouveia de industrializar a Cachoeira de Paulo Afonso; o aproveitamento das imensas possibilidades do Rio São Francisco, juntamente com o saneamento de sua bacia; a construção de novas redes de estradas ligando os campos mais recuados do comércio das grandes cidades; o Plano Salte, estruturas de futuro econômico do Brasil, baseado no aumento sempre crescente da produção e no levantamento do nível educacional e sanitário das populações e no aproveitamento das fontes de

energia — eis alguns dos temas de nossa mais recente realidade econômica e social, citados ao acaso, para melhor traduzir a riqueza e o movimento de um jovem país que nasce de seus braços e de suas verdades.

Cingindo-nos à apreensão dos problemas do Nordeste não podemos deixar de citar as obras e os estudos cujo objetivo principal é fomentar os seus recursos naturais, assegurar serviços de assistência econômica e social à sua gente, promover a execução de planos de eletrificação rural, reflorestamento, construção de aquedutos, ligações rodoviárias e ferroviárias, estabelecimento de redes de irrigação, fixação dos trabalhadores à terra, alfabetização de seus habitantes, etc.

Esses problemas foram vistos, adivinhados ou meditados por Herman Lundgren, naqueles dias distantes do início deste século. Basta citar o seu interesse pela valorização do trabalhador através da assistência social por ele empreendida isoladamente, e a sua decisão em levantar um centro manufatureiro capaz de elevar o nível humano e econômico de Pernambuco, para avaliarmos a singular intuição desse criador de riquezas, que sabia que o futuro seria uma incessante multiplicação de seus projetos e de seus pontos de vista.

Dá, dependendo-se que os dias de hoje, longe de apagar os traços fundamentais dessa brava personalidade de trabalhador em prol do bem-estar de seu povo e de seu país de eleição, mais os reavivam plantando na consciência da Nação um exemplo que não pode ser esquecido, pois os conjuntos esforços atuais, das classes produtoras e do governo, se encaminham na mesma direção construtora e fecunda de um Herman Lundgren, um Delmiro Gouveia ou um Matá,

BANCA PREFERIDA

RUA CAMBOÁ DO CARMO

RECIFE - PERNAMBUCO

DEUS dá a Sorte

A BANCA PREFERIDA

distribue

AS REALIZAÇÕES DO I.P.A.S.E. EM PERNAMBUCO

O dr. Alcides Vieira Carneiro, presidente dessa autarquia, inaugurou em novembro último o Conjunto Residencial Nabuco -- 96 casas construídas em 10 meses para o funcionalismo federal aqui sediado -- Realçada a ação administrativa do sr. Abelardo Jurema, delegado do I. P. A. S. E. em Pernambuco -- O lançamento da pedra fundamental do edifício da agência do I.P.A.S.E. à rua do Imperador -- Em 18 meses estará concluído o moderno edifício O I.P.A.S.E. fiel à política social do Presidente Dutra -- Como decorreram as solenidades transmitidas pelo Rádio JORNAL DO COMMERCIO -- Notas



Entre as homenagens recebidas pelo presidente do Ipase destacase a sua recepção na Assembléa Legislativa de Pernambuco, onde foi saudado pelo deputado Diomedes Lopes. Nessa ocasião o dr. Alcides Carneiro pronunciou vibrante e democrático discurso de agradecimento

pital. O Ipase abriu para o funcionalismo federal de Pernambuco novas perspectivas, novas rumos, novas esperanças. O Ipase lançou marca de honra para o futuro.

Na solenidade de início dos trabalhos de construção do edifício sede da Delegacia do Ipase nesta Capital, igual clima se respirou, igual ambiente se formou, iguais momentos foram vividos. Era um dia do Ipase, um dia para o funcionalismo da República.

FALA O SR. ABELARDO JUREMA

Nas atividades de inauguração do Conjunto Residencial Nabuco, que se iniciaram às 15,30, com a presença do representante do governador do Estado, do Presidente da Assembléa Legislativa, do Presidente do Ipase, do Delegado do Ipase, de deputados estaduais, de funcionários e jornalistas, falou de início o sr. Abelardo de Araújo Jurema que dirige a Delegacia da Autarquia neste Estado. Começou o seu discurso salientando que já ouvira em campanhas políticas realizadas na Paraíba, o sr. Alcides Carneiro dizer que "tinha uma imensa dificuldade em prometer, porque sentia uma imensa facilidade em cumprir". Não tinha sido uma frase em vão, um recurso de oratória nem tudo pouco um jôgo de intenções eleitorais. O Conjunto Residen-



O dr. Alcides Carneiro e o delegado do Ipase em Pernambuco, dr. Abelardo Jurema, em companhia do funcionário federal e sua família composta de 15 filhos, o 1.º ocupante do Conjunto Residencial Nabuco

Carneiro tirara o Ipase da triste condição de repartição exclusivamente arrecadadora para lhe dar um caráter humano, uma personalidade simpática no meio do funcionalismo, de onde brotara e de quem e para quem teria de viver. Explicou ainda que aquelas casas iriam ser entregues mediante concorrência honesta, em que seriam pspadas as condições de encargos de família, tempo de contribuição e relação de garantias, frisando que para exemplo ali estava o fun-

ção centrado, o conjunto residencial "Nabuco", numa homenagem à alta administração do Ipase, ao seu delegado em Pernambuco e ao funcionalismo federal.

O DEPOIMENTO SIGNIFICATIVO DE UM SACERDOTE

Em seguida falou pela firma construtora J. Ferreira Marques, o padre Anchieta, capelão das forças da Marinha de Guerra aqui sediadas que deu o seu testemunho pessoal da ação do Ipase junto aos servidores civis das repartições da Marinha de Guer-

do centrado, o conjunto residencial "Nabuco", numa homenagem à alta administração do Ipase, ao seu delegado em Pernambuco e ao funcionalismo federal.

O DISCURSO DO SR. ALCIDES CARNEIRO

Por último, o sr. Alcides Vieira Carneiro pronunciou notável discurso que impressionou vivamente a todos. As suas palavras se dirigiram de início ao funcionário público. Disse das suas necessidades e do que vinha fazendo para minorá-las. Disse do seu plano de trabalho já executado e do seu programa

para realizar. Evocou em seguida a figura do patrono do conjunto, Joaquim Nabuco. Feculitou o seu gênio e a sua ação a serviço da liberdade. Exaltou Pernambuco na luta pelas liberdades humanas. Tecer um fino no direito e nos seus conceitos singulares e de impressionante atualização psicológica, arrancou da multidão que participava da solenidade, entusiásticas palmas. Por fim se referiu aos auxílios da administração que colaboraram com tanto empenho e dedicação no serviço, destacando o engenheiro Paulo Gentile de Carvalho Melo e o sr. Abelardo de Araújo Jurema, o primeiro no Departamento de Aplicação de Capital e o segundo na Delegacia local do Ipase, de cuja capacidade de trabalho aquele conjunto era uma esplêndida resultante. Ao encerrar a sua brilhante oração que revelava a Pernambuco o orador classificado por Assis Chateaubriand como o maior dos vivos no Brasil, o sr. Alcides Carneiro fez uma exaltação à Pátria, convocando sentimentos e despertando emoções numa assistência que lhe tributou, às suas últimas palavras, consagradora salva de palmas.

(Continua na pag. 18)

A inauguração do Conjunto Residencial Nabuco, realizada no dia 29 de setembro, no sítio da Roseira, no bairro da Encruzilhada, com a presença do dr. Alcides Vieira Carneiro, presidente do I. P. A. S. E., que autorizou a construção, em Recife, de 96 casas para o funcionalismo federal, aqui sediado, marcou a ação dessa autarquia com uma pedrinha branca, como costumavam fazer os gregos nas suas realizações beneméritas.

Dal a presença do I.P.A.S.E. na vida pernambucana estar se fazendo sentir com intensidade graças a execução de planos do mais alto caráter social e humano, segundo a orientação da política social do presidente Dutra. Aliás o que o I.P.A.S.E. vem fazendo em Pernambuco é parte integrante da obra em conjunto que vem realizando o seu atual presidente em todos os Estados da Federação. Todas as unidades da República têm sido atingidas com empreendimentos de vulto e que, por si mesmos, constituem uma propaganda sem artifícios, porque é uma realidade social evidente.

São ambulatórios que se instalam no norte e no sul. São clínicas especializadas que se abrem no nordeste ou no centro. São hospitais e sanatórios inaugurados aqui e ali. São auxílios assistenciais, hospitais e sociais concedidos a dezenas de milhares de associados. São conjuntos residenciais que se erguem por quasi todas as capitais brasileiras inclusive nos territórios. São casas financiadas que ajudam a muitos a resolver o problema cada vez mais cruel da casa própria. E, enfim, ação social em função do bem estar social do funcionalismo público da República. A ele se dirige o sr. Alcides Carneiro que com

inteligência e esplêndida visão dos problemas, reivindicações e aspirações mais prementes de uma laboriosa e atormentada classe, mobiliza os recursos do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado com a audácia de um patriota, o bom senso e o equilíbrio de um verdadeiro administrador e sobretudo a honestidade de um beneditino do dever e da honra de um homem público fiel a si mesmo, ao seu passado e aos seus compromissos para com o povo e para com a sua pátria. Vive, assim, o Ipase uma nova vida, de trabalho e de planos, de empreendimentos e realizações, de ajustamento pleno às suas verdadeiras e relevantes finalidades. Vive o Ipase a vida que deveria ter vivido desde a sua fundação, realizando, realizando sempre com o objetivo de assistir e melhorar as condições de existência do servidor federal, seu associado e seu beneficiário, fator ao mesmo tempo causa e efeito da Autarquia que o Presidente Eurico Dutra confiou à inteligência e à visão humana dos problemas sociais do sr. Alcides Vieira Carneiro.

Eis porque alcançou tão larga repercussão a solenidade de inauguração do Conjunto Residencial Nabuco que o Ipase fez construir no antigo sítio da Roseira, nos limites de Espinheiro e Encruzilhada, bairros quasi centrais da cidade. Lá estavam autoridades, deputados, jornalistas, médicos, advogados e o funcionalismo público em massa compacta. Todos testemunhavam o seu apreço e ao mesmo tempo contentamento e júbilo por tão auspicioso acontecimento. O Ipase colaborava com o progresso do Recife, fazendo surgir um novo bairro, uma nova vila, um novo centro de vida para a ci-



Um aspecto da multidão que compareceu ao ato de inauguração do Conjunto residencial Nabuco no sítio da Roseira

dad. Elei Silva que com os seus doze filhos havia obtido o primeiro lugar num concurso rápido realizado pela Delegacia do Ipase junto às repartições federais do Estado, cabendo-lhe um título que lhe seria entregue naquela solenidade de preferência para qualquer das casas, à sua livre escolha. Era uma homenagem

citando casos de afição que haviam sido bem compreendidos e resolvidos pelo sr. Abelardo Jurema, delegado do Ipase em Pernambuco. Ressaltou o programa desenvolvido pelo Ipase sob a direção do sr. Alcides Carneiro e concluiu destacando o papel desempenhado pela firma J. Ferreira Marques que entregava um mês antes do término

ra, citando casos de afição que haviam sido bem compreendidos e resolvidos pelo sr. Abelardo Jurema, delegado do Ipase em Pernambuco. Ressaltou o programa desenvolvido pelo Ipase sob a direção do sr. Alcides Carneiro e concluiu destacando o papel desempenhado pela firma J. Ferreira Marques que entregava um mês antes do término



1.º) Um grupo de casas do tipo médio.

2.º) Grupo de casas do tipo popular.



Um verdadeiro administrador nas Docas

Os serviços portuários no Recife, notadamente os de capatazia, a cargo do Departamento Comercial do Pôrto do Recife registam um índice de produção ainda não conseguido nos demais portos do Brasil. É comum, nas operações de embarque dos vapores, um só "terno" manipular, num período normal de serviço, QUINHENTAS TONELADAS de carga, o que constitui verdadeiro record.



Hélio Coutinho

Tôdas as organizações que dependam, essencialmente, do serviço braçal, têm, no homem que trabalha, o esteio e o fator de sucesso. Compreendendo o valor do braço no departamento que dirige, o sr. Hélio Coutinho, diretor do Departamento Comercial do Pôrto do Recife, tem orientado sua administração no sentido da assistência social ao trabalhador, cercado a grande legião de operários que serve às nossas Docas, do conforto indispensável a mantê-la capacitada ao bom desempenho das tarifas diárias.

Homem público de larga visão administrativa, o sr. Hélio Coutinho, ao assumir o alto cargo que ocupa, procurou ouvir os problemas do operariado indo de encontro às suas aspirações justas. Dentro desse programa, começou por dotar as Docas de máquinas e utilidades outras indispensáveis não só à eficiência do

serviço, como, especialmente, à segurança no trabalho.

Adquiriu assim, empilhadeiras, tratores e máquinas outras que vieram dar maior rapidez aos serviços, evitando ainda o cansaço do operariado.

Nos principais locais de trabalho fez instalar bebedouros modernos e higiênicos, evitando desse modo o contágio tão comum com o uso de canecos ou outros vasos. Dentro das possibilidades financeiras do Departamento Comercial do Pôrto do Recife, melhorou consideravelmente os salários do pessoal, reestruturando, ainda, os quadros funcionais, com aproveitamento dos mais capazes e esforçados servidores.

Uma obra de grande vulto, foi, evidentemente, a reconstrução do Armazém 8, que fôra devorado por grande incêndio. Sob o dinamismo do atual diretor das Docas, surgiu, mais sólida e bela, uma edificação moderna no lugar dos escombros. Entregue à Construtora Moraes Rêgo, pelo sistema da concorrência pública, sua construção, obedeceu à técnica usada para

edificações dessa natureza. nos principais centros.

Outra realização que por si só consagrará a administração Hélio Coutinho, no Departamento Comercial do

Pôrto do Recife, é o grande refeitório destinado ao operariado, onde serão servidas refeições substanciais, por preços populares, dando solução a antigo proble-

ma daquela gente, que vê assim, atendida uma velha aspiração.

A inauguração do refeitório se anuncia para breve, devendo ser o fato comemorado festivamente pelos operários beneficiados, tal a significação desse empreendimento.

Os campeões se cumprimentam!



TYRESOLES DO NORDESTE, LIDA. — RUA BISPO CARDOSO AIRES, 208 - TRANSVERSAL À RUA DO PRÍNCIPE — TELEFONE 3442 — RECIFE

TYRESOLES FAZ DE UM PNEU VELHO - UM PNEU NOVO

GRANDES MOINHOS DO BRASIL S. A.

"MOINHO RECIFE"

FARELO DE TRIGO

OLINDA

RAÇÕES BALANCEADAS:

Avevita

Bovinovita

Equinovita

Suinovita

RECIFE

PERNAMBUCO

UMA ADMINISTRAÇÃO QUE REALIZA SEM ARTIFÍCIOS E PROGRAMA SEM DELÍRIOS

A atuação do médico Odívio Duarte à frente da Cap. dos Ferroviários da G. Western — Inauguração da Vila Dona Carmela Dutra

POUCOS são os homens públicos que à frente de actôres administrativos realizam em função exclusiva do bem comum. Evidentemente bem maior é o número dos que atuam em favor da coisa pública com o pensamento voltado sobretudo para a repercussão na "massa eleitoral"... se bem que relevantes sejam os serviços prestados à coletividade ainda mesmo que intenções outras ajuntem os seus alicerces. De uma forma ou de outra, esses homens públicos são úteis e necessários, por isso mesmo o reconhecimento popular não tarda em se fazer sentir. Se os últimos alcançam as culminâncias políticas, os primeiros consolidam-se em posições de vigilância de onde ainda maiores serviços continuam prestando à causa do homem comum.

ATUAÇÃO EM FUNÇÃO EXCLUSIVA DO BEM COMUM

Entre aqueles que atuam em função exclusiva do bem comum, situa-se, sem dúvida, o médico Odívio Borba Duarte presidente da Caixa de Aposentadorias e Pensões dos Ferroviários da Great Western Política de essência, em seu Estado, a Parahyba, com largo tirocínio de direção dos mais altos postos nos quadros administrativos dessa unidade federativa, a sua vinda para Pernambuco representou um deslocamento naturalmente prejudicial aos seus interesses políticos, ganhando, entretanto, aquela Autarquia um administrador equilibrado, humano e de larga visão dos problemas sociais da época. Sem quaisquer pretensões políticas no meio pernambucano, prestigioso o sr. Odívio Borba Duarte entre os ferroviários associados, construindo sem fachadas, programando sem delírios e aplicando as reservas disponíveis sem despropósitos. Consciente da finalidade da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários da Great Western, das necessida-

des dos seus associados e dos meios de que podia dispôr, foi fácil ao seu espírito esclarecido fixar-se num binômio representativo da angústia do sofrimento do homem comum: saúde e casa própria. Daí o grande aspecto de sua administração, o seu êxito e a sua plena eficiência.

NOVAS AGENCIAS E NOVOS AMBULATORIOS

De início, instalou agências e ambulatorios em João Pessoa e Maceió, dois grandes centros ferroviários onde a Caixa se fazia sentir muito precariamente, dada as dificuldades de contacto, faltando-lhes como estava os elementos essenciais para uma presença integral. Tanto na capital paraibana como na alagoana, os associados da

ASSISTÊNCIA EFICIENTE IGUAL PARA TODOS

Os centros ferroviários do interior nordestino por onde a Great Western também se ressentiam desta falta de contactos que logo se restabeleceram com a completa reorganização que imprimiu o sr. Odívio Duarte aos postos da CAP, reequipando-os todos, com pessoal e material necessários à sua acção assistencial. Não lhe escapou o Serviço Médico desta capital, onde todas as clínicas especializadas passaram por grandes reformas, inclusive a instalação de um moderníssimo aparelho de Raio X que é um dos melhores do norte do país. Entendeu a sua acção de sentido profundamente humano com a aplicação em larga escala de estreptomici-



O dr. Odívio Duarte, presidente da Cap. declara inaugurada a nova vila dos ferroviários

NOVAS VILAS EM MACIJO E CABEDELO

Com mobilidade, sem descurar-se do financiamento para a construção de casas isoladas para associados residentes nesta capital, bem assim dos trabalhos de construção da Vila Dona Carme-

mentam os efeitos de uma política de trabalho, de compreensão humana dos seus problemas e de aplicação honesta de suas contribuições, ainda lhe sobram os encômios de Inspectores do Ministério do Trabalho, do esforço moral e da rígida compreensão dos deveres dos seus cargos, como Vicente Moliterno e Silveira Lobo que em relatórios recentes classificaram a atual direção da CAP dos Ferroviários entre as melhores que se possa desejar ante recursos e disponibilidades pouco pródigas, a realização tão fecunda.

60 CASAS PARA OS FERROVIÁRIOS DE RECIFE

Por todo isso é que a solenidade de inauguração da Vila Dona Carmela Dutra, ocorrida a 15 do corrente, alcançou a mais ampla repercussão com o comparecimento em massa de ferroviários já ostentando os seus títulos de legítimos donos das 60 casas que integram aquele conjunto. As autoridades e os jornalistas que ali compareceram puderam bem sentir o ambiente de confiança que

desfrutou o atual presidente da CAP dos Ferroviários entre associados que se manifestaram pelos seus oradores, com entusiasmo e admiração pelo que se estava realizando em favor de seus destinos e de suas famílias.

UM PERSONAGEM DE ROMANCE DE CAPA E ESPADA

Bem definiu a personalidade do sr. Odívio Duarte, o escritor Aderbal Jurema quando no seu discurso de saudação aos ferroviários em nome da Caixa, situou o seu presidente como um dos heróicos personagens de Alexandre Dumas, sem um mácula, sonhando sempre e sempre animado na realização de ideais humanos, sem pensar em obstáculos nem em canseiras, com os pensamentos voltados para o bem de uma classe cujo futuro sentia depender em boa parte da sua acção, do seu bom senso, dos seus princípios e do seu moral político.



O presidente da Cap visita oficialmente a Vila dona Carmela Dutra

CAP dos Ferroviários da Great Western contam com uma assistência eficaz e sem intermediários, sendo que em João Pessoa os ambulatorios e a Agência funcionam em prédio próprio adquirido na gestão do sr. Odívio Borba Duarte.

na aos tuberculosos e a ajuda pelo Serviço Social a todos os casos agudos de necessidade comprovada. Para tudo isso, a Farmácia foi integralmente organizada a fim de melhor atender aos ferroviários.

la Dutra inaugurada a 15 do corrente, o sr. Odívio Duarte iniciou a construção da primeira vila da Caixa em Cabedelo, com 32 casas para os ferroviários residentes na Parahyba e abriu concorrência para a construção de outra em Maceió, em terreno que obteve da generosidade do governador Silvestre Párcicles de Góis Monteiro. Dentro de três meses estarão concluídos os trabalhos de construção da vila operária de Cabedelo e em meados de 1950, estarão ultimados os da vila de Macéio, figurando no seu programa a construção de mais sessenta casas, no ano próximo para completarem o conjunto residencial Dona Carmela Dutra que se comporá de 120, das quais 60 já foram inauguradas e entregues aos ferroviários. 320 casas residenciais já constituem no seu núcleo de realizações no setor da casa própria para os operários.

FALAM OS TÉCNICOS DO MINISTÉRIO DO TRABALHO

Se não bastassem para exaltar a administração do sr. Odívio Duarte, o reconhecimento dos associados da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários da Great Western que experi-

As realizações do Ipase em Pernambuco

(Continuação da pag. 17)

BENÇÃO DO CONJUNTO RESIDENCIAL NABUCO

Após a benção da placa comemorativa e do conjunto residencial, o sr. Alcides Carneiro fez a entrega do título de preferência de uma das casas ao funcionário Ellet da Silva, da Delegacia Fiscal que apresentou ao Presidente do Ipase a sua esposa e os seus 13 filhos, sendo 12 menores.

A firma J. Ferreira Marques distribuiu com os presentes guaraná e coca-cola, sanduiches, doces e champagne.

O sr. Virgílio Menezes, Diretor-Presidente da Autoviação, cedeu gentilmente um omnibus para transportar os funcionários federais à rua do Imperador onde se realizaria a solenidade de início dos trabalhos de construção do edifício sede da Delegacia do Ipase, em Pernambuco.

O Col. Viriato Medeiros, comandante da Força Pública, além de comparecer pessoalmente, fez abrilhantar a solenidade com a banda de música da corporação que dirige.

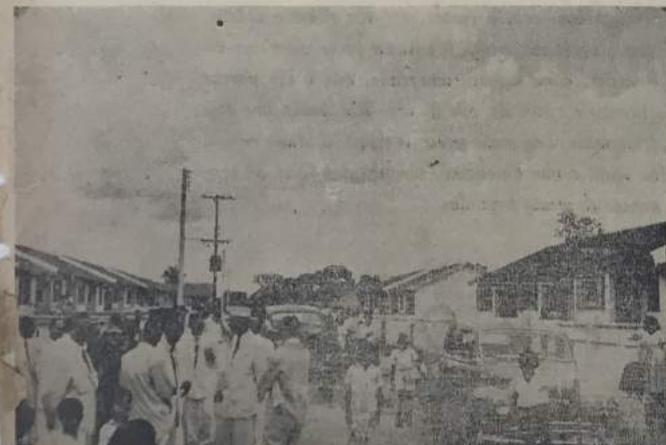
LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DO FUTURO EDIFÍCIO DO IPASE.

As 17 horas, perante as mesmas autoridades e numerosas outras grupar de funcionários federais, foi lançada a pedra fundamental do edifício sede da

Agência do Ipase, em terreno junto ao "Jornal Pequeno". O prédio será de 10 andares e sua construção obedecerá aos mais exigentes requisitos da técnica de construção e aos traços mais vivos da moderna arquitetura. Aproveitando a área de 400 metros quadrados, foi projetado um edifício que comportará todos os serviços da Delegacia Regional, inclusive seus ambulatorios e eficientes e ainda dará renda ao Ipase, com o aluguer de 4 de seus andares.

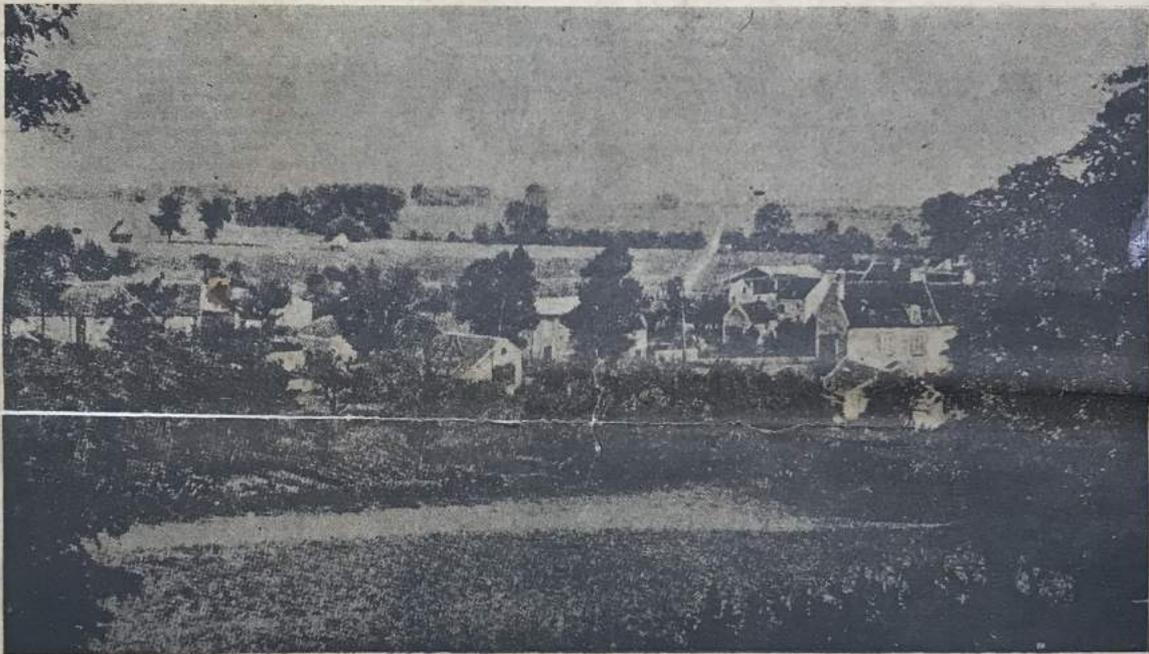
Durante a cerimônia, após a benção da pedra fundamental e do local de construção, falaram os srs. Abelardo Jurema, delegado do Ipase, José Correia de Oliveira, engenheiro responsável pela construção e o sr. Alcides Vieira Carneiro, presidente do Ipase. O delegado do Ipase explicou aos presentes o plano do Ipase em dotar as principais capitais brasileiras de edifícios próprios para o funcionamento de suas Delegacias. O sr. José Correia salientou os detalhes técnicos da obra agora iniciada. E o sr. Alcides Carneiro disse do esforço da administração em dotar Pernambuco de tão vultoso empreendimento.

— Os discursos e todas as fa- zeres da solenidade da inauguração do Conjunto residencial Nabuco foram irradiados pelo RÁDIO JORNAL DO COMMERCIÓ, diretamente do Sítio da Roseira.



Um aspecto da Vila Dona Carmela Dutra

Provincias



Bayeux, tão alta nas suas nobres rendas de tom vermelho e cujo cimo era iluminado pelo ouro velho da sua última sílaba; Vitré, cujo acento agudo losangava de madeira negra a antiga vitragem; a suave Lamballe que, no seu branco, vai do amarelo casca de ovo ao gris-pérola; Coutances, catedral normanda, a que o ditongo final, gorduroso e amarelo, coroava de uma tórre de manteiga; Lannion, com o rumor, em seu silêncio aldeão, do coche seguido pela môsca; Questambert, Pontorson, resíveis e ingênuas, penas brancas e bicos amarelos espalhados pela estrada daqueles lugares fluviais e poéticos; Benodet, nome apenas amarrado, que o rio parece querer arrastar para o meio de suas algas; Pont-Aven, vôo branco e róseo da asa de uma leve tonca que tremulamente se reflete numa água esverdeada de canal; e, Quimperle, êste mais prêso, e desde a idade média, entre os arroios com que murmura e se emperla numa grisalha igual à que desenham, através das teias de aranha de um vitral, os raios de sol mudados em desgastadas pontas de prata brunidas.

MARCEL PROUST